

eis fluências

poesia e literatura



notícias literárias

REVISTA BIMESTRAL

FEVEREIRO/2010

ANO I - NÚM. III

Editorial

Prezados leitores,

A revista eisFluências tem o prazer de apresentar-vos hoje o seu terceiro número.

Como sabem, eisFluências é uma revista bimensal, cuja primeira edição foi em 15 de Outubro do ano transacto, com edição somada de três revistas e um suplemento de Natal.

Sendo ainda uma criança, já editou uma merecida e justa reportagem, com entrevista à grande escritora luso-americana, Deana Barroqueiro, feita pela nossa Directora Cultural, Carmo Vasconcelos, além de ter publicado vários trabalhos de mérito, de escritores e poetas luso-brasileiros e também de autores, oriundos doutros quadrantes geográficos, ou aí residentes. Acção esta que pretendemos expandir, com vista à concessão de iguais oportunidades a esses escritores e poetas, autores de matérias que julgemos relevantes.

Pelas inúmeras e gratificantes respostas recebidas ao nosso trabalho, sentimo-nos incentivados a ampliar o nosso formato que, tendo começado com 8 páginas, conta nesta edição com 20 páginas e 1 Suplemento. “Bem-hajam” os atentos e gentis leitores e os distintos colaboradores!

Neste número, trazemos com orgulho literário, uma notável reportagem da nossa Responsável pela Redacção e proprietária da revista, Mercedes Pordeus, sobre um importante evento, em que eu próprio estive presente: o I Encontro Pernambucano de Escritores.

Foram três dias excepcionais, de 15 a 17 de Janeiro, que tiveram lugar no Colégio Americano Batista, e em que a União Brasileira de Escritores nos proporcionou engrandecedoras experiências culturais.

Foi um começo de ano auspicioso, no qual Pernambuco e a sua capital Recife, fervilham de cultura. E logo após o ano de 2009 ter terminado com o Fliporto, que promoveu o também proeminente Encontro Cultural Iberoamericano, na Praia de Porto de Galinhas.

É por demais sabido que o Recife é uma cidade com grandes tradições culturais e que as mantém.

O Diário de Pernambuco é o jornal mais antigo em circulação na América Latina. Em frente do seu prédio se fazia o ponto de encontro de poetas repentistas que recebiam o seu sustento monetário de uma platéia que, muitas vezes, era apenas composta de curiosos;

O Estado de Pernambuco foi o berço da cultura jurídica do Brasil;

O Gabinete Português de Leitura tem sido um marco na difusão da cultura, e a sua rica biblioteca, com mais de trinta mil volumes, é visitada diariamente por dezenas de pessoas;

O Recife tem inúmeras bibliotecas que, aliadas aos museus e teatros, formam um grande património histórico. Memórias dum vasto saber intelectual, que percorrem gerações e gerações, à disposição do povo, dos estudantes e dos pesquisadores.

Gilberto Freyre, Joaquim Cardoso, João Cabral de Melo Neto, Waldemar Lopes, Marcus Accioly, Manuel Bandeira, Mauro Mota, Clarice Lispector, Mário Souto Maior e tantos, tantos, são os grandes poetas e escritores de Pernambuco e de sua capital, o Recife.

Basta fazermos o circuito poético do Recife, que percorre várias ruas da cidade, para percebermos que estamos numa cidade, remota e verdadeiramente cultural.

E é desta ínclita cidade, que vos saúda hoje, este português que nela reside e que a adoptou como sua segunda Pátria.

Recife/Brasil,
Fev^o/2010
Victor Jerónimo
Director

Esta edição contém um SUPLEMENTO ESPECIAL dedicado ao **I Encontro Pernambucano de Escritores** organizado pela União Brasileira de Escritores/PE no Colégio Americano Batista em Recife/PE - Brasil

NÃO PERCA



BAIÃO

Baião é uma vila portuguesa no Distrito do Porto, região Norte e subregião do Tâmega, com cerca de 2800 habitantes.

O Concelho oferece ao visitante o

panorama deslumbrante das grandes serras e vales tranquilos por onde serpenteiam rios e ribeiras.

O Município de Baião apresenta, no âmbito dos seus elementos culturais, algumas das maiores referências ao património natural e cultural.

HISTÓRIA

Na passagem da Alta para a Baixa Idade Média, dá-se a formação da Terra de Baião, que era dominada por um castelo: o Castelo de Matos, antigo Castelo de Penalva. A Terra de Baião é a origem da família nobre dos Baiões, descendentes de D. Arnaldo (trisavô de Egas Moniz, aio de D. Afonso Henriques), um guerreiro que veio combater os Mouros na península Ibérica, por volta de 985. As terras de Baião foram-lhe concedidas como prémio pela sua bravura, pelo rei de Castela. Alguns historiadores pensam que D. Arnaldo seria um guerreiro alemão que perdeu o seu ducado numa guerra; outros, que seria um cavaleiro de Bayonne, filho de um rei de Itália e neto de um rei de França, e que seria essa a origem do nome de Baião. Mais tarde, D. João I deu as terras de Baião a um parente do Condestável, D. Nuno Álvares Pereira. Tendo voltado à Coroa no tempo de D. João II, Baião recebeu foral de D. Manuel I em 1513.

Embora na Serra da Aboboreira tenha sido achado «um uniface talhado num calhau rolado de xisto» do Paleolítico Inferior (cerca de 30000 a.C.), terá sido no V ou IV milénio a.C. (de 5000 a 4500 a.C, no Neolítico) que surgiram os primeiros povoados, em plataformas próximas de linhas de água. Os estudos arqueológicos que têm vindo a ser realizados nas serras da Aboboreira e do Castelo, desde 1978, revelaram, já, a existência de uma vasta necrópole megalítica, das maiores que actualmente se conhecem em território português, com cerca de 4 dezenas de mamoas identificadas. As origens culturais deste concelho devem-se à passagem e fixação de vagas migratórias, vindas do sul da Alemanha (da região de Hallstat). Os Celtas foram a primeira cultura, que de forma consistente, aqui se fixou. Castros, meníres e outros achados arqueológicos mostram que esta foi uma região de domínio Celta. A cultura Celta permaneceu sempre neste enclave do Marão, e ainda hoje se faz sentir a sua presença.

DUAS LENDAS:

FREI COMILÃO E O MOLEIRO

Entre comer e rezar, aquele frade do Mosteiro de Ansede,

inclinava-se pela primeira das práticas. Reinava João III e, se para o coro era o último, para o refeitório era o primeiro! E quando lhe ralhavam, respondia:

– Muito comer, pouco rezar e nunca pecar, leva a alma a bom lugar...

E, um dia, os frades de Ansede decidiram ir comer uma boa merenda a Oliveira, mas evitaram dizê-lo a Frei Comilão. Porém, o nosso frade tinha um sexto sentido, e foi o primeiro a pôr-se a caminho.

Bem, Frei Comilão chegou junto do rio e não viu barca que o levasse para a outra margem, pelo que estendeu a sua capa sobre as águas e navegou, sendo o primeiro a chegar a Oliveira. E imaginem o espanto dos outros frades, ao porem na relva a toalha das iguarias, dando de caras com Frei Comilão, que sorria como quem dizia:

– Muito comer, pouco rezar...

O MOLEIRO E A PRINCESA

Um moleiro foi nadar para Ovil, num poço entre os penedos do lugar do Giraldo. E quando quis sair da água, uma força oculta puxou-o e foi parar ao riquíssimo palácio de uma moura encantada! Ali esteve dois dias acordado e sem fome, queria ir-se embora mas não podia. Lembrou-se então de rezar um Padre-Nosso ao contrário, fórmula boa para quebrar alguns encantos. E resultou.

Os amigos já andavam à procura dele e contou-lhes o sucedido. Os outros revistaram o poço e não encontraram palácio nenhum, chamando-lhe mentiroso. E ele disse que ia lá buscar uma prova. E foi, trazendo uma barra de ouro. Logo uma rapariga quis casar com ele. Tiveram dois filhos e um deles, chegando a adulto, pediu ao pai que lhe comprasse um cavalo para correr mundo à busca de fortuna. O pai comprou-lhe também dois leões. E ele meteu-se a caminho, chegando a uma terra onde havia uma mata. Nessa mata havia uma bicha de sete cabeças que comia pessoas. Todos os dias se sacrificava gente daquela terra, até que calhou a vez à filha do rei. E quando o rapaz ia a passar ao pé da mata viu uma linda menina a chorar. Não sabia que era a princesa, mas ele agarrou nela e foi enfrentar a serpente. Ajudado pelos leões, cortou as sete cabeças e as respectivas línguas, embrulhando estas num pedaço do vestido da princesa. Depois, despediu-se da jovem dizendo que mais tarde daria notícias. O rei ficou muito contente e deu uma grande festa, dizendo que casaria a princesa com o salvador. Um embusteiro encontrou as cabeças e levou-as ao rei. A princesa dizia que não era ele, mas o rei julgava que ela mentia. Então, o moleiro pegou na sua trouxa e foi ao palácio real. O rei não o queria receber, mas a princesa mostrou que às cabeças faltavam as línguas que o moleiro levava embrulhadas num pedaço do vestido da princesa. E assim, o moleiro casou com ela.

(Fonte: Biblioteca Pessoal da Autora)

FICHA TÉCNICA

Director

Victor Jerónimo
(Portugal/Brasil)

Directora Cultural

Carmo Vasconcelos
(Portugal)

Responsável pela Redacção

Mercêdes Pordeus (Brasil)

Design Gráfico e Composição

Victor Jerónimo

Blogue

<http://eisfluencias.wordpress.com>

Contacto

eisfluencias@gmail.com

Conselho de Redacção

Armando Figueiredo (Portugal)
Humberto Rodrigues Neto (Brasil)
Luiz Gilberto de Barros (Brasil)
Marco Bastos (Brasil)
Maria Ivone Vairinho (Portugal)
Rosa Pena (Brasil)

Correspondentes

Argentina - María Cristina Garay Andrade
Bielorússia - Oleg Almeida
Brasil - Elizabeth Misciasci

Revista de eventos, actualidades, notícias culturais, político/sociais, e outras, mas sempre virada à directriz cultural, nas suas várias facetas.

Propriedade de
Mercêdes Batista Pordeus Barroqueiro
Recife/PE/Brasil

Tiragem: 100 ex
Distribuição Gratuita

Divulgação via internet

Depósito legal
LEI DO DEPÓSITO LEGAL LEI N° 10.994, DE 14 DE
DEZEMBRO DE 2004

Biblioteca Nacional
Brasil

**IBÉRIA E AMÉRICA
(CULTURA PARTILHADA)**
por Armando Figueiredo

Vivenciamos na Literatura e, até certo ponto, na sociedade peninsular ibérica um tempo de apaziguamento, compreensão e aproximação entre as várias subculturas que se estendem desde a Catalunha, a Portugal e Galiza. Não passa despercebido a ninguém, sobretudo a quem vive nas regiões do Minho, Beiras e Douro que há uma estreita ligação entre as Literaturas oriundas da Galiza e Norte de Portugal (recorde-se que as raízes filológicas são comuns: o latim vulgar gerado em dialecto - o Galaico-Português), depois expandido pelo centro do País, incluindo Lisboa, e por simpatia pelo Alentejo. Muita dessa consciência partilhada foi despoletada pelo ideário de Miguel Torga, ou seja, foi este poeta e escritor que focou especial atenção nas suas raízes telúricas; explicando melhor: estas não se limitavam às fragas de Trás-os-Montes, mas estendiam-se por todas as cordilheiras que a Leste se rendilham, só terminando nos Pirinéus. Pois, à Ibéria dedicou poesia muito valiosa.

Esta noção de Ibéria comum a todos os povos desta Península, haveria de constituir um coro empático em vários escritores e ensaístas, e não é displicente nomeá-los neste espaço de aquí e além fronteiras: Gil Vicente, Miguel Unamuno, Fernando Pessoa, José Saramago, estes os mais conhecidos, mas há ainda outros.

A verdade é que de uma Catalunha evidenciada pelas suas características naturais viradas essencialmente para a orla mediterrânea, e, por outro lado, a Galiza, Leão, Navarra, Biscaia e Castela, há uma diferença bastante acentuada entre aquela e estas, que as especifica; e em relação a Portugal, aquela só se aproxima pelas características históricas e climáticas compreendendo nesta amplitude a Extremadura, Andaluzia, o Alentejo e o Algarve, mesmo assim considerada esta afirmação com alguma bonomia ou vontade benfazeja, e sempre com alguma evidência intuitiva, que não minoriza alguma intersecção de difícil medição.

Os maiores adjuvantes à hipotética construção literária lusohispânica com uma forte dose de interligação são os escritores Gil Vicente (que nos séc.s XV e XVI redigiu nas duas línguas e foi devidamente relevado na Literatura do País vizinho), e Miguel Unamuno, que, presidindo à reitoria da Universidade de Salamanca, procurou entender a idiosincrasia portuguesa; este poeta, escritor, ensaísta espanhol referir-se-ia a nós como um povo triste usufruindo duma triste e deslumbrante natureza, capaz dos maiores arroubos de paixão, mas também um povo suicida, remetido no início à loucura bélica de Alcácer-Quibir, depois, à insatisfação pelos reinados dos Filipes (que foram melhores do que se apregoa), e às crises económicas sistemáticas, mal julgadas como sejam de natureza endémica, um povo finalmente que não encontra nenhuma boa via nem nenhum modo renovadorres para sair da sua letárgica pobreza; uma pobreza que não pode ser considerada como destino fatal intemporal, pois esse pendor mítico foi vencido noutros povos da Europa com iguais recursos naturais e uma dimensão semelhante ou até mais diminuída, nomeadamente Suíça, Holanda, Dinamarca e Luxemburgo. Acrescentamos que os destinos do País foram causados, sem assunção, e escondidamente, em Lisboa pela realeza nacional e por interesse estrito dela-mesma, assim como (depois da Monarquia) da burguesia ali desde sempre instalada à sombra do poder, recebendo dela protecção e benesses. O povo andou sempre a navegar cegamente instigado e conduzido pela ideologia dominante nacionalista-guerreira, da qual eles eram senhores donos e mestres formadores, os oligarcas e os plutocratas.

São curiosas estas tentativas de definir o carácter identificativo dos povos; é que elas só vingam por serem datadas no tempo. Efectivamente, hoje não se adequam ao tempo e ao espaço presentes, dado que os povos evoluíram (eles evoluem de geração em geração, ainda que muito lentamente).

Povos cheios de soberba, ignorando no entanto no caso português a sobrançeria, isso são, bairristas, sectários, arrebatados, os espanhóis todavia mais expansivos, alegres, ruidosos e sem a tendência miserabilista do passado, enquanto os portugueses sofrem ainda de muita apatia que não ajuda a alterações significativas do seu modo de ser e estar no mundo, contudo estão mais interventivos no presente, começando a exercitar uma nova vontade de agitar movimentos culturais de cidadania responsável; a tristeza ainda não deixou de lhe caber e a tendência suicida também não desapareceu completamente, consequências da pobreza que continua a grassar de crise em crise políticas, produtos de má gestão económica que nunca projectou séria e tenazmente o futuro da Nação a médio ou longo prazo.

Não é falho de senso comparar o povo português ao burro de cargo como fez Guerra Junqueiro há mais de um século. Burro, besta teimosa, torto, que só vai onde lhe apetece por mais porrada que leve, contudo aceitando sem queixa e na maior parte do tempo, a chibata, para ir onde o capataz manda. Foi isso que aconteceu na expedição guerreira de D. Sebastião, na colonização de outros continentes, em La Lys, na implantação da República, na ditadura salazarista e na opção pela República semi-presidencialista partilhada com a democracia parlamentar. Foi Guerra Junqueiro o mais contundente crítico da República há cem anos atrás, e não é por acaso que ainda hoje se recorre frequentemente a este escritor e poeta para caricaturar o povo, aferroando-lhe o espeto da indignação para que reaja ao jugo. Por amor.

Contudo, não é elegante, nem totalmente justo, dizer nos tempos hodiernos que o indígena da Pátria portuguesa é burro, imbecilizado, macambúzio. O que é preciso saber é a razão de tanta calamidade. O País tem sido dominado por elites políticas a consentir encorajar o seu estado de subdesenvolvimento secular, retirando daí proveitos chorudos, eticamente condenáveis. A tristeza está associada a essa imbecilidade, interligam-se numa espécie de causa e efeito mútuos que nem se sabe qual é a predominante. A orientação política escolar não propicia a que o autóctone se prepare para a vida prática e o transforme consequentemente num programado modelo de homem produtivo, disciplinado e eficaz.

Quando Paula Rego este ano numa exposição sua em Lisboa dizia que encontra nos contos populares o gérmen da sua arte pictórica, não é displicente ou inócua a seu tom contundente. São de todos os contos que leu nesta e noutras literaturas, os que melhor descrevem a fealdade e a monstruosidade dos nossos carácter e temperamento. Lembrei-me da dama pé de cabra e do «gajeiro», que rebenta à instantânea presença do sinal da cruz. Efectivamente, a doideira pode estar nos actos eleitorais de alguns municípios do País, onde candidatos com lastro e cadastro criminais se apresentam a eleições e ganham-nas. São abencerragens, aberrações tribais, resíduos de monstruosidades seculares. Estórias vergonhosas e ridículas para as populações visadas. Todavia, este aparte aqui encaixado não caracteriza a totalidade dos gostos particulares na lusovisão estética.

Um outro aspecto que vale a pena focar, nos traços singulares que nos caracterizam, é o sebastianismo cantado em Camões, assinalado em Garret, e reiterado em Pessoa. A pequena e média-burguesia sempre esperou «o desejado» especialmente nos momentos das crises sistemáticas que tem varrido a memória nacional. Elas nunca deixaram de aspirar a um salvador vindo da bruma, imagem moderna que Cesariny sintetizou magistralmente numa das tiradas poéticas mais curtas e surpreendentes da nossa História literária, com dístico alegórico que reza assim: «queria de ti um país de bondade e de bruma / queria de ti o mar de uma rosa de espuma». Este monumento frásico está prenhe da História lusitana.

Verdade é que tem havido alterações significativas no comportamento colectivo dos portugueses: são mais sociáveis, mais interventivos, mais alegres, ainda que não se comparem aos espanhóis! São calmos, menos apostólicos, mais empreendedores do que há trinta anos atrás. Estão abertos à tecnologia moderna, avançam nela rapidamente. Embora sejam sentimentais, são capazes de se decidir pelo abandono relativo do rincão natural, e emigram com facilidade e desenvoltura. Aliás, parece estarmos num País condenado à emigração, e, quando emigrados são pacíficos, respeitadores, simpáticos e afáveis, cumprindo as funções a que são destinados com lealdade e afinco. Não poderemos esquecer o forte sentimento de saudade que os acomete e os obriga a regressar ao País natal nas férias ou sempre que pode.

A talhe de gadanha, há ainda alguma a dizer: o gesto do «vai-te foder» de Bordalo Pinheiro não está completamente interpretado, assim como o dichote «mandar abaixo de Braga»; são manifestações passivas que mereceriam engendrar uma repercussão activa, pois o que pretendem é produzir uma reacção pró-activa em cadeia no sentido de tornar este País numa escola de civismo. Ou seja, torná-lo numa terra de solidariedade, de participação e de opção por acções concretas reformadoras da mentalidade perversa dos senhores governantes: fazê-los repensar nos psico-arquétipos que os tornam vulneráveis e rapaces, uns espertos saloios maravilhados pelo poder que os corrompe, perdendo as boas teorias e práticas da moral e da ética, esses valores cultivados nos Homens de antanho, que deveriam presidir nas relações entre eleitos e eleitores (são as tais contrapartidas dos negócios de Estado a servir para financiar partidos e enriquecer o património dos decisores políticos, e a ocupação de chefias em Empresas públicas, semi-públicas e até privadas com características de monopólio, apoiadas pelo governo, que sustentam os barões da política bem aconchegados nos mais altos cargo da Nação, por artes secretas fruidores de escandalosos salários, com direito a reformas milionárias). É este o regime em que vivemos, que apoia uma Justiça que não funciona, como é evidente exactamente por ser couro das manigâncias dos influentes e dos videirinhos. E num País onde a corrupção ainda campeia, são os contribuintes da pequena e média burguesia que pagam todo o desperdício e esbanjamento dos que usam a esperteza da ratice, para os debitarem à conta dos cofres do Estado. O modo como o sistema bancário funcionou e colapsou a Economia mundial, no final desta década, pôs todos os cidadãos responsáveis e conscientes de atalaia; este panorama surrealista, dominado pela ganância dos cifrões, com a displicência e tolerância criminosas das supervisões bancárias adstritas aos Bancos Centrais, é a prova de que os Estados se deixam facilmente assaltar por uma Escola moderna de delinquentes altamente qualificados, que não se contenta com os privilégios de que gozam desde há muito, aceitem desleixadamente pelos governos ocidentais; esses banqueiros são capazes de levar o Estado à bancarrota, e ainda, ao arrepio da racionalidade humana, são compensados com o dinheiro dos sacrificados contribuintes fiscais, martirizados pelo Fisco, beneficiando ainda illogicamente de colectas reduzidas, escapando à tributação através dos paraísos fiscais, criados para esse efeito e ao seu dispor.

Para terminar este artigo, direi apenas o seguinte: desde a perda das colónias pelos dois Países peninsulares e depois do hastear da bandeira pessoana, consencuou-se a expressão de que a Pátria não se reduzia mais a este atávico rincão diminuto, escavado como fortaleza montanhosa na orla mais ocidental da Europa, um vasto couro murado por escarpas nas suas raías com duas trilógicas: uma para as diferenças climáticas diversificadoras do Turismo, outra para a produção agrícola; nessa expressão expansionista prevê-se uma dimensão mais ampla, mais abrangente, e que implica os Países de Língua Portuguesa, falada pelo mundo; conseqüentemente, surge, actualmente, não só rudimentar, mas também subtil e lentamente, por enquanto, um novo movimento, que deseja dar voz à boa vizinhança, à empatia e à aproximação entre os povos que são abrangidos pelas subculturas ibéricas e as americanas.

Projectadas as duas Línguas pelo novo continente com a colonização, hoje extinta, desse espaço americano, e activadas pela nova força tecnológica: a Internet, com motores de busca e pesquisa poderosos, tais como a Google e Yahoo, capazes de informar em todas as áreas do saber, duma maneira como nunca aconteceu na História da Humanidade, a tendência actual é conducente à aproximação, enlaçamento e convívio numa inter-acção que enriquecem e unem esses idiomas; especialmente quando aceitam e partilham novos ideários filosóficos, políticos, estéticos e programáticos. A Arte com todas as suas manifestações expressivas pouco foi mais do que um produto autóctone de dimensão reduzida, confinada ao conservadorismo secular duma região restrita, mas, por força da edificação moderna, é hoje uma incessante renovação mais ou menos consensual, uma regeneração ansiada, uma unificação global na concretização de utopias, geradas na pureza emotiva dos seres humanos mais esclarecidos desta Civilização.

(O texto apresentado, atrás digitalizado, não faz a história pormenorizada das considerações nele sintetizadas. Ao pretender ser uma síntese de muitas leituras efectuadas, e delas obtendo conclusões pessoais, não deixo de transcrever em rodapé, alguns trechos que fazem amostra da orientação contemplada.)

1. *“O espírito ibérico é uma fusão do espírito mediterrâneo com o espírito atlântico, por isso as suas duas colunas são a Catalunha e o estado natural galaico-português”.*
Fernando Pessoa, “Da Ibéria e do Iberismo” in *Textos Diversos IV – Obras de Fernando Pessoa, Lisboa, Multilar, vol. IX (Prosa), 1990, pp. 69-100, especialmente p. 73.*

2. *“Um povo imbecilizado e resignado, humilde e macambúzio, fatalista e sonâmbulo, burro de carga, besta de nora, aguentando pauladas, sacos de vergonhas, feixes de misérias, sem uma rebelião, um mostrar de dentes, a energia dum coice, pois que nem já com as orelhas é capaz de sacudir as moscas; um povo em catalepsia ambulante, não se lembrando nem donde vem, nem onde está, nem para onde vai; um povo, enfim, que eu adoro, porque sofre e é bom, e guarda ainda na noite da sua inconsciência como que um lampejo misterioso da alma nacional, reflexo de astro em silêncio escuro de lagoa morta. [...] Uma burguesia, cívica e politicamente corrupta até à medula, não discriminando já o bem do mal, sem palavras, sem vergonha, sem carácter, havendo homens que, honrados na vida íntima, descambam na vida pública em pantomineiros e sevandijas, capazes de toda a veniaga e toda a infâmia, da mentira a falsificação, da violência ao roubo, donde provem que na política portuguesa sucedam, entre a indiferença geral, escândalos monstruosos, absolutamente inverosímeis no Limoeiro. Um poder legislativo, esfregão de cozinha do executivo; este criado de quarto do moderador; e este, finalmente, tornado absoluto pela abdicação unânime do País. A justiça ao arbítrio da Política, torcendo-lhe a vara ao ponto de fazer dela saca-rolhas.*

Dois partidos sem ideias, sem planos, sem convicções, incapazes, vivendo ambos do mesmo utilitarismo céptico e perverso, análogos nas palavras, idênticos nos actos, iguais um ao outro como duas metades do mesmo zero, e não se malgando e fundindo, apesar disso, pela razão que alguém deu no parlamento, de não caberem todos duma vez na mesma sala de jantar.”

Guerra Junqueiro, “Pátria”, 1896.

3. *« Um assumido iberista
Em parte da sua obra Miguel Torga assume um certo iberismo: « a minha pátria cívica acaba em Barca de Alva, (...) a minha pátria telúrica nos Pirinéus.», a explicar a sua filosofia. Perdidos os impérios coloniais, findas as ditaduras que emergiram da crise finissecular nos dois países, criada a União Europeia, que relações para estes dois estados que desde há muito partilham alegrias e as suas tristezas? O que Torga propõe passa pela reivindicação de um legado cultural e um destino comuns para as pátrias de Camões e Lorca, poetas que lia e admirava.*

Para Torga a Península Ibérica deve ser uma colectividade de nações unidas telúrica e espacialmente num único espírito. Escreveu, este médico feito poeta : «trago torgas à rosa de Granada» e «enquanto houver poesia continuará a existir vida e o povo na Ibéria.» Torga: historiador que antecipa a história? Visionário? Profético? Pro-Europa, assumido!

PESADELO DE D. QUIXOTE

Sancho: ouço uma voz etérea

Que nos chama...

Ibéria, dizes tu?!... Disseste Ibéria?!

Acorda, Sancho, é ela a nossa dama!

Pois de quem hão-de ser estes gemidos?!

Pois de quem hão-de ser?!

Só dela, Sancho, que nos meus ouvidos Anda o seu coração a padecer...

Ergue-te, Sancho! Quais moinhos?! Quais?!

Ai! Pobre Sancho, que não sabes ver

Em moinhos iguais

Qual deles é só moinho de moer »

[Colóquio Miguel Torga – dias 17 e 18 na Fundação Calouste...](#)

4. Entrecruzando duas áreas de trabalho, a cultura e a literatura, Sara Reis da Silva propõe-se estudar o iberismo cultural em Miguel Torga, o poeta que se considerava «filho ocidental da Ibéria» e, «pela graça da vida, peninsular».

Para tanto, parte da procura dos valores semântico e operativo da noção de iberismo cultural (empreendida também por autores como D. Sinibaldo de Mas y Sans, Oliveira Martins, Magalhães Lima, António Sardinha ou Natália Correia) para um estudo das «referências mais ou menos explícitas às duas nações peninsulares como um todo indissociável» que aparecem na obra literária de Torga, desde «Diário» e a «A Criação do Mundo a Portugal», «Traço de União», «Poemas Ibéricos e Alguns Poemas Ibéricos».

5. «... não existe um escritor mais ibérico que Miguel Torga, o qual dizia que a sua pátria cívica acabava em Barca de Alva, mas a sua pátria telúrica terminava apenas nos Pirineus: É preciso reconhecer que, passados os Pirineus, o ar é mais leve, a terra é mais fecunda, a paisagem é mais doce. Mas eu prefiro o pesadelo, a pobreza e a agressividade do outro lado.

[...] Há uma grandeza que se não mede em calorias e salamaleques. É coisa mais profunda e significativa... Ora essa grandeza tem-na a Espanha, faminta, esfarrapada, a arder em febre desde que nasceu (Torga, 1955; 126).»

[Miguel Torga: a paixão e a história poética Ibérica](#)

6. « Não é por acaso que mais de um terço do texto do ensaio intitulado "Un pueblo suicida", escrito em Lisboa em 1908 e integrado em Por tierras de Portugal e Espanha, é constituído por uma carta de Laranjeira, ele próprio um futuro suicida.



Armando Figueiredo, Nascido em Ovar (S.Vicente) e residente em Gaia (Francelos), Portugal. Licenciado em Letras (Filologia Românica). Foi Formador de Professores da Direcção-Geral de Educação de Adultos na década de 80. Colaborou em revistas, páginas literárias e culturais, antologias e jornais portugueses e estrangeiros. Algumas publicações acontecidas: DÓR E AMOR, 1961, Ed. Autor, Porto; Antologias: CORMORAN Y DELFIN, 1963, Buenos Aires; MÁKUA, Imbondeiro, 1963, Luanda; SOL XXI, Carcavelos, 1996/00, Lisboa; ESCRITORES DE GAIA, Boletim da Associação de Escritores de Gaia, 1998/01, Gaia, POETAS NOTÍVAGOS, 2002, Ed. Scortecci, S. Paulo, Participações: TRATOS DE AMOR E OUTROS TRATOS, Manoel Virgílio, 2008, Allprint Editora, São Paulo.

Mas não se pense que, para Unamuno, Portugal é um país de suicidas apenas porque se suicidaram alguns dos nossos mais notáveis escritores (Antero e Camilo, nomeadamente). Portugal é um país suicida porque deixou de olhar para o futuro, de ter um verdadeiro ideal nacional. Para o reitor de Salamanca, o povo português, meigo na aparência, era, no seu íntimo, violento e apaixonado. A sua condenação à inércia metamorfoseava-se em impulso suicida (passo a citar pela tradução de José Bento: "A paixão trá-lo à vida, e a própria paixão, consumido o seu alimento, leva-o à morte. Hoje o que lhe resta? Dentro de uns dias, em 1 de Dezembro, celebrar-se-ão as festas da restauração da sua nacionalidade, de ter sacudido a soberania dos Filipes da Espanha. No dia seguinte voltarão a falar de bancarrota e de intervenção estrangeira. Pobre Portugal!"»

Miguel de Unamuno e o seu amor a Portugal.

7. Este soneto de Unamuno foi publicado n'A Águia em Fevereiro de 1911.

*Del atlántico mar en las orillas
desgreñada y descalza una matrona
se sienta al pie de sierra que corona
triste pinar. Apoya en las rodillas*

*los codos y en las manos las mejillas
y clava ansiosos ojos de leona
en la puesta del sol; el mar entona
su trágico cantar de maravillas.*

*Dice de luengas tierras y de azares
mientras ella sus pies en las espumas
bañando sueña en el fatal imperio*

*que se le hundió en los tenebrosos mares,
y mira cómo entre agoreras brumas
se alza Don Sebastián, rey del misterio.*

(Este soneto iniciou certamente a inspiração da colectânea de poesias da «Mensagem» (Fernando Pessoa) como facilmente se percebe.)

8. «Quando olhamos para a Península Ibérica o que é que vemos? Observamos um conjunto, que não está partida em bocados e que é um todo que está composto de nacionalidades, e em alguns casos de línguas diferentes, mas que tem vivido mais ou menos em paz. Integrados o que é que aconteceria? Não deixaríamos de falar português, não deixaríamos de escrever na nossa língua e certamente com dez milhões de habitantes teríamos tudo a ganhar em desenvolvimento nesse tipo de aproximação e de integração territorial, administrativa e estrutural.»

José Saramago

http://dn.sapo.pt/inicio/interior.aspx?content_id=661318

As pessoas viajam para admirar a altura das montanhas, as imensas ondas dos mares, o longo percurso dos rios, o vasto domínio do oceano, o movimento circular das estrelas, e no entanto elas passam por si mesmas sem se admirarem.

(Santo Agostinho)

NOTÍCIAS**Jornalista e escritora Elizabeth Misciasci recebe indicação para ocupar Cadeira Vitalícia na Academia de Letras do Brasil****Academia de Letras do Brasil - ALB****INDICAÇÃO DE NOVO MEMBRO**

A jornalista **Elizabeth Misciasci** recebe em 30 de novembro de 2009, indicação do Presidente da ALB, professor doutor Mário Carabajal, para ocupar uma Cadeira Vitalícia na ALB: "... a jornalista e escritora Elizabeth Misciasci tem comprovado ao longo dos anos, profundo comprometimento com os assuntos culturais de nosso país e do mundo, sendo inequívoco o caráter Imortal de sua escrita e obra. Observo que esta nobre jornalista tem dedicado atenção personalizada e indiscriminada aos assuntos da Academia de Letras do Brasil, de Norte a Sul do País, iniciando com o elo formado pela Imortal Andréia Donadon Leal. Diplomá-la em caráter vitalício na ALB, significa fazer justiça cultural pelo relevante mérito de seu trabalho. Onde tem cultura, está a Imortal jornalista Elizabeth Misciasci, divulgando e incentivando. São raros os jornalistas que dedicam-se, gratuitamente, com tanto afinco, às causas culturais. Se contássemos com os ideais de uma Misciasci em cada Estado brasileiro, nosso país já teria ultrapassado o atual estágio de pré-consciência política, o qual, perde inclusive para Senegal na África. Multiplique-se a cultura, elevando-se a politização, evolução e à qualidade de vida em nossa Nação. Comunique-se em consulta à jornalista. Confirmando-se sua aceitação em somar uma Cadeira Vitalícia na ALB, agende-se sua diplomação de acordo com sua disponibilidade, em uma das solenidades oficiais da ALB previstas para o segundo semestre de 2010" (Mário Carabajal).

Dra. Vera Rosendo - Ph.I.
Secretária Executiva da Presidência/ALB

**Lisboa candidata-se a Capital Mundial do Livro 2013**

Dia 18 de Janeiro, Manuel Maria Carrilho, embaixador português junto da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO), em declarações à imprensa, revelou que a cidade de Lisboa é candidata a Capital Mundial do Livro da UNESCO para 2013.

De acordo com Manuel Maria Carrilho, "o desafio da candidatura de Lisboa foi assumido após a ideia ter sido bem acolhida pela [Câmara Municipal de Lisboa \(CML\)](#) e pela [Associação Portuguesa de Editores e Livreiros \(APEL\)](#)".

Caso a candidatura tenha sucesso, está prevista a elaboração de um programa extenso de actividades, para o ano de 2013, associadas à promoção do livro e da leitura.

O embaixador português junto da UNESCO adiantou que a candidatura de Lisboa ficou definida após encontros recentes entre António Costa, Presidente da CML, e Paulo Teixeira Pinto, Presidente da APEL.

A iniciativa Capital Mundial do Livro foi lançada pela UNESCO em 2001, com Madrid. Desde então, a organização nomeou as cidades de Alexandria (Egipto), Nova Deli (Índia), Antuérpia (Bélgica), Montreal (Canadá), Turim (Itália), Bogotá (Colômbia), Amsterdão (Holanda), Beirute (Líbano), Ljubljana (Eslovénia) e Buenos Aires (Argentina).

Fonte: Portal do Cidadão
[UNESCO](#)

**Maria Cristina Garay Andrade**

Monte Grande - Buenos Aires - Argentina
5 de Fevereiro de 2010

**TOP 2009 - 2010 LITERATURA, FILOSOFÍA, JORNALISMO.**

A Revista eisFluências parabeniza a nossa prezada correspondente na Argentina, escritora, poeta e jornalista, Maria Cristina Garay Andrade, pelo honroso 21º lugar (dos + 100) que merecidamente lhe foi atribuído.

Veja em:

http://www.talentseekers.net/top4detalle.php?esphacat=7&esphase=1&_page=3

O CRISTO

Por Carmo Vasconcelos

Hoje, lendo uma crónica do Pe. Francisco Agamenilton Damascena, “O Crucifixo do Haiti”, ([in http://www.prefacio.net/index.php?view=detalhesartigo&codigo=2332](http://www.prefacio.net/index.php?view=detalhesartigo&codigo=2332)) – referindo-se à imagem crucificada do Cristo, que se mantém erecta e incólume, após a derrocada da Igreja Sacre Coeur du Tugeau, no Haiti, veio-me à memória um caso verídico, que consta do meu Romance, “O Vértice Luminoso da Pirâmide”, escrito por mim há cerca de 9 anos.

Salvas as devidas proporções na comparação de ambas as “catástrofes”, mas tendo em conta que, nós, seres humanos, somos um microcosmo do macrocosmo, e também que, como disse *Hermes Trimegistrus - O três vezes sábio, três vezes grande*: “*Como é em cima é em baixo/Assim como no céu, é na Terra*”, não posso furtar-me a associar a ínfima semelhança no caso que reconto agora para vós:

“.... Foi o que aconteceu uma noite, quando Jorge, possesso de ciúme, resolve alvejá-la com uma lindíssima peça de arte indígena, frágil, porque feita de um tipo de massa semelhante ao barro. Tinha-lhe sido oferecida pelo irmão Vitor, que a trouxera do Brasil, e Carmen gostava imenso dela. Era um crucifixo, grande, pintado à mão, onde pendia, curvado, o Cristo agonizante.

Carmen desviou-se, e a peça espalhou-se pelo chão, feita em minúsculos pedaços. Cega, pela brutalidade do marido, pelo desrespeito por seu irmão e por ela própria, pelo sacrilégio e heresia contra a imagem sagrada... Carmen perdeu as estribeiras. E, enquanto houve fragmentos palpáveis daquilo que tinha sido o símbolo do sacrifício de Cristo, a sua mão, como que movida pela mão Divina ultrajada, fez deles projéteis e, com uma fúria que desconhecia possuir, uma fúria feita de muitas fúrias contidas, foi-os arremessando a esmo, contra a cabeça, o corpo, as pernas, daquele homem que a apunhalava nos sentimentos mais profundos – como se pretendesse, assim, destruir de vez o seu carácter aberrante! E só parou, quando naquele chão não havia senão migalhas de barro e pó. Com elas se misturava, volátil, invisível, uma outra poeira de argila esboroada – massa de mulher doce, pacífica e paciente, a desfazer-se aos poucos, para dar lugar a uma mulher agressiva, descontrolada e vingativa.

Mas Carmen ouviu a voz dessas poeiras invisíveis. Elas falaram-lhe:

– Cuidado, mulher! Teu homem não há-de melhorar nunca, tu é que sem dares conta te vais degradando, te igualando a ele.

Os indícios eram claros! Carmen tomou consciência dessa voz sábia, e jurou a si própria não mais se deixar arrastar, cegar ao ponto de vir a dar por si moldada do mesmo barro, sujo e lamacento!

Curiosamente, passadas semanas, aquando de limpezas maiores, Carmen descobriu, num canto, atrás de um móvel, qual relicário oculto, a cabeça intacta do seu Cristo, que parecia dizer-lhe: “Como vês, Carmen, continuo aqui!...”

Facto verídico reportado ao ano de 1965 e excerto do romance da autora, “O Vértice Luminoso da Pirâmide”, que pode ser lido em E-Book, em:

http://www.delnerobookstore.com/bibliotecas_virtuais/carmo_vasconcelos



Carmo Vasconcelos, nasceu em Lisboa, onde reside. Tradutora e revisora literária de várias obras, de autores americanos, ingleses e búlgaros, é poeta, escritora, declamadora e conferencista. Autora de vários prefácios. Tem 1 Livro de poemas impresso: “*Geometrias Intemporais*”, e 9 E-Books, incluindo poemas, sonetos e romance. É membro da Associação Portuguesa de Poetas, onde já fez parte dos corpos directivos e foi membro de júri de Jogos Florais. Pertence a *Poetas del Mundo*; é representante da língua portuguesa na *Revista Destaque*, do *Mural dos Escritores*; Gerente do *Grupo Ecos da Poesia*; e Patrono da *Academia Virtual Sala de Poetas e Escritores (AVSPE)*. Directora Cultural da revista *eisFluências*.

Saiba mais, em:

<http://carmovasconcelos.spaces.live.com> e

<http://carmovasconcelosf.spaces.live.com>

TERESA DE CALCUTÁ

Humberto Rodrigues Neto

Quando se vê a pobreza judiar
e espezinhar tanta alma desvalida,
que nem na ermida encontra a paz de um lar
onde aquietar cada agressão sofrida,

de alma partida fica-se a pensar
como abrandar tão espinhosa lida
dessa sofrida grei a nos buscar
e a suplicar o bem de uma guarida,

é nesse instante triste que nós vemos,
que pouco temos pra doar que os valha
– mera migalha com que os socorremos!

É quando o Cristo - o angelical rabi -
doa de si as graças que amealha
e espalha outras Teresas por aí!

(São Paulo-Brasil)

«A obra do poeta...»

António Boavida Pinheiro

Na obra do poeta existe sempre
A sensação de estar incompleta,
Por mais que se esforce, faça ou tente,
A vida é limitada, curta e incerta...

Tocar os sentimentos, algo ingente,
Quão excessiva ambição é sua meta.
Escrever em rima, ou não, o quanto sente,
E se uma vez ao lê-lo em nós desperta

O sentir de um momento, plasmado
Em algo especial e..., tão diferente
Daquilo que é vulgar e consumado...

Algo inesquecível porque é arte.
Se tal for alcançado simplesmente...
Não lamente o poeta, quando parte...

(Lisboa-Portugal)
(Divulgação de Mercêdes Pordeus)

REINALDO FERREIRA - REPÓRTER X

&

REINALDO FERREIRA (FILHO) – POETA*Por Carmo Vasconcelos*

Repórter X é um pseudónimo de **Reinaldo Ferreira**, nascido em Lisboa, em 10 de Agosto de 1897, foi repórter, jornalista, poeta, dramaturgo e realizador de cinema. Imaginou entrevistas com Mata Hari e Conan Doyle, enviou reportagens da "Rússia" sem nunca lá ter posto os pés, criou um dos primeiros detectives de gabinete da literatura policial, deu forma a uma galeria interminável de heróis de folhetim, fundou jornais, realizou filmes, previu, ao jeito de Júlio Verne, como seriam Lisboa e o Porto no ano 2000.

Reinaldo Ferreira. **R** de realidade e **F** de ficção. Nasceu há mais de um século. Os 38 anos da sua breve passagem pelo mundo foram vividos à beira do delírio, com a morfina a ajudar. Um tipógrafo distraído inventou a alcunha que o iria consagrar: Repórter X.

Na redacção de "A Capital", a mãos com a cobertura da recém-deflagrada Primeira Guerra Mundial, Garibaldi Falcão, jornalista da velha guarda, interpelava um jovem aprendiz de 16 ou 17 anos:

O menino já fez incêndios?

Interpretando mal a pergunta, e julgando que o tomavam por pirómano, Reinaldo Ferreira retorquiu com um indignado: "Não, senhor!". Foi a primeira reportagem do futuro Repórter X: um fogo posto na rua de D. Estefânia, em Lisboa.

Mas como a realidade se obstinava em lhe negar assuntos palpitantes, só lhe restava inventar. E inventou, há que dizê-lo, a torto e a direito. Ainda hoje será difícil determinar todas as suas "reinaldices", para usar a expressão posta a correr pelos que lhe iam desmascarando as farsas. Ele, porventura consciente de que essa pulsão para confundir factos e ficções era, afinal, o sinal distintivo do seu génio peculiar, retorquia com um neologismo da sua própria lavra: "reporterxizar".

Em 1917, com 19 anos, arrepiava os lisboetas com o crime, tão tenebroso quanto inexistente, da Rua Saraiva de Carvalho, que metia malfeitores empuçados, um presumível cadáver e um vilão, apropriadamente designado como "o homem dos olhos tortos". A história veio a lume no Jornal "O Século", e a coisa atingiu tais proporções que o jornal achou prudente revelar o embuste. Mas o folhetim, finalmente assumido como ficção, prosseguiu até ao seu desenlace, e não tardou a transformar-se em livro - "O Mistério da Rua Saraiva de Carvalho" - que o grande cineasta, José Leitão de Barros, tentou mesmo adaptar ao cinema.

Em 1918, Reinaldo Ferreira publica em "A Manhã", um "inquérito à mendicidade". Fez-se fotografar mal barbeado e andrajoso, de mão estendida, e o público convenceu-se de que o repórter fizera, de facto, vida de mendigo. Mas, salvo o retrato, era tudo inventado, incluindo os 47 centavos que lhe teria rendido esta incursão na indigência.

Neste mesmo ano, volta à carga em "O Século" com o suposto assassinato de uma estrangeira, perpetrado pelo respectivo marido numa pensão de Lisboa. Desta vez, auxiliado por Stuart de Carvalhais, vai ao ponto de pôr um quarto da dita pensão em pantanas e de espalhar sangue de galinha pelo aposento. E, a encerrar o ano de 1918, "recolhe" as últimas palavras do presidente Sidónio Pais, assassinado na Estação do Rossio: "Morro eu, mas salva-se a Pátria". A verdade é que não presenciou o sucedido e, ao que parece, o estadista tombou sem ter tido tempo de dizer seja o que for.

Reinaldo Ferreira parte em 1920 para Paris, ao serviço da filial francesa da Agência Americana, que fora fundada pelo escritor brasileiro Olavo Bilac. Pelos finais do ano seguinte já deixara esta empresa e radica-se em Barcelona com a família. É aqui que nasce Edgar Reinaldo, que depois será o poeta **Reinaldo Ferreira (filho)**.

Em 1926 está de novo em Portugal, fixando-se agora no Porto e escrevendo simultaneamente para o ABC e para "O Primeiro de Janeiro". É em Março desse ano que se dá em Lisboa o célebre assassinato da corista Maria Alves, estrangulada num táxi e lançada morta para a sarjeta. Baseando-se em anteriores crimes congéneres e na intriga de um romance espanhol, Reinaldo aventa nos jornais que o culpado é o ex-empresário da vítima, Augusto Gomes. E o espantoso é que acerta.

Veio a falecer em Lisboa, em 4 de Outubro de 1935, num prédio do actual Largo de S.Carlos.

Se, como jornalista, e não obstante os seus múltiplos talentos, Reinaldo Ferreira merece óbvias reservas, já a sua inspiração torrencial, e até as acidentadas circunstâncias da sua biografia, fazem dele uma das nossas mais fascinantes figuras da primeira metade do século XX.

Reinaldo Ferreira iniciou a sua carreira jornalística aos doze anos de idade e foi, desde os vinte até à sua morte, considerado **o maior repórter português**.

**Mínimo sou.**

**Mas quando ao Nada empresto
a minha elemental realidade,
o Nada é só o resto.**

Reinaldo Ferreira (Filho), de seu nome completo, Reinaldo Edgar de Azevedo e Silva Ferreira, nasceu em Barcelona, em 20/3/1922, e viveu em Moçambique entre 1941 e 1959, data da sua morte, motivada por um cancro. Colaborou em revistas musicais, foi autor de algumas letras de canções que obtiveram êxito e participou em teatro radiofónico. Foi um dos editores da folha de poesia *Msafo* (Lourenço Marques, 1952), tendo ainda colaborado em publicações como *A Voz de Moçambique*, *Capricórnio* ou *Paralelo 20*.

Divulgando pouco a sua obra poética, a edição póstuma de **“Poemas”** surpreendeu os leitores metropolitanos que encontraram num autor quase anónimo alguns dos mais belos poemas da literatura portuguesa, parecendo ter sido o zelo por uma vida retirada e a obsessão da perfeição, as explicações plausíveis para que não tenha publicado em vida nenhum volume. Incluída numa linhagem que passa por Camilo Pessanha, Cesário Verde ou Fernando Pessoa, e que se distingue, a nível da forma, pelo culto do rigor, por um expressivo trabalho métrico, rítmico e lexical do verso, a poesia de Reinaldo Ferreira, para Fernando J. B. Martinho, “só muito raramente reflecte os valores do que os estudiosos das literaturas africanas de língua portuguesa consideram a moçambicanidade, devendo, antes, ela ser enquadrada no âmbito da poesia portuguesa, pela situação de inequívoco herdeiro do primeiro e do segundo modernismos que é a do poeta (cf. MARTINHO, Fernando J. B., *op. cit.*, 1996, p. 452).

O título que projectara para o seu primeiro livro de poemas **“Um Voo Cego a Nada”**, constitui uma chave para a interpretação de um pensamento obsidiado pela suspeita da **“completa sem-razão das coisas e do mundo”**, apenas compensada numa **“expressão poética rigorosa, nítida, activa, sabiamente contida, por vezes quase majestosa na sua dignidade cheia de pudor, com um quase omnipresente recurso à auto-ironia, sempre suspeitosa de um demasiado deixar-se comover.”** (cf. *“introdução”* anónima, incluída na primeira edição dos *Poemas*, 1960).

A SUA POESIA

Cavalo de várias cores

Quero um cavalo de várias cores,
Quero-o depressa que vou partir.
Esperam-me prados com tantas flores,
Que só cavalos de várias cores
Podem servir.

Quero uma sela feita de restos
Dalguma nuvem que ande no céu.
Quero-a evasiva - nimbo e cerros –
Sobre os valados, sobre os aterros,
Que o mundo é meu.

Quero que as rédeas façam prodígios:
Voa, cavalo, galopa mais,
Trepas às camadas do céu sem fundo,
Rumo àquele ponto, exterior ao mundo,
Para onde tendem as catedrais.

Deixem que eu parta, agora, já,
Antes que murchem todas as flores.
Tenho a loucura, sei o caminho,
Mas como posso partir sózinho
Sem um cavalo de várias cores ?

“SANTOS”

Por Victor Jerónimo

Cada vez mais, o ser humano se volta para causas humanísticas de ajuda ao próximo e se preocupa, a cada dia, com o sofrimento alheio. Não estou a escrever sobre as grandes organizações de ajuda humanitária, mas sim, sobre os mais simples e anónimos dos mortais que se deslocam a Hospitais e similares, para prestar ajuda aos que necessitam de ajuda moral, espiritual, e não só.

Tenho-me apercebido agora, e com frequência, desses “santos” que vivem à nossa volta, anonimamente, e que só descobrimos por mero acaso ou se deles precisamos.

E quando precisamos, são eles que nos descobrem, senão, só acidentalmente é que nós os descobrimos.

Eles acercam-se de nós, suave e cautelosamente - tem de ser cautelosamente, porque há os que deles necessitam, mas os rejeitam, orgulhosos- e nos dão palavras de carinho, de conforto, e de ajuda espiritual.

Para um doente debilitado e que já deixou de acreditar na própria vida, esses “santos” são um bálsamo para o seu coração atormentado.

Se procurar saber quem são, eles escudam-se e procuram manter-se no anonimato.

Honra e glória para eles é o que eu desejo!

Recife 01 de Jan 2010

Victor Jerónimo

Director da revista eisFluências

Que estranha, a nossa verdade

Que estranha, a nossa verdade!
Às vezes, partida a meio,
Minha ilusória unidade,
Pensando, sinto, pensei-o.

Mas quando penso o que penso
Estou-o pensando também.
Na vertigem, não me venço
E recuo e vou além

Daquilo p'ra que há defesa.
Feliz quem pode parar
Onde a certeza é certeza
E pensar é só pensar!

Meu quase sexto sentido

Por detrás da névoa incerta,
Da bruma desconcertante,
Há uma verdade encoberta,
Que é, por trás da névoa incerta,
Intemporal e constante.

Oh névoa! Oh tempo sem horas!
Oh baça visão instável!
Que mal meus olhos afloras,
Em vão transmutas, descoras...
Meu olhar é infatigável.

Quero saber-me quem sou
Para além do que pareço
Enquanto não sei e sou!
Nuvem que a mim me ocultou,
Ai! Meramente aconteceu.

Com menos finalidade
De que uma folha caída
Na boca da tempestade,
Porque ele é, na verdade,
Morte a caminho da Vida;

E eu não sei donde venho
Nem sei, sequer, p'ra aonde vou.

Rompa-se a névoa encoberta!
Quero saber-me quem sou!

Muito seria ainda de esperar deste inspirado poeta português, mas para tanto lhe foi pouca a vida.

*Pesquisa e composição de Carmo Vasconcelos
(Subsídios Wikipédia e Infopédia)*

A VIDA NAS PRISÕES PENITENCIÁRIAS FEMININAS

Por Elizabeth Misciasci

Há várias formas de relatar como é a "vida" numa Penitenciária Feminina. Por serem casos isolados, dentro de um sistema penitenciário variado, me possibilitou, (enquanto pesquisadora, escritora e posteriori presidente do Projeto zaP!) conhecer, ouvir e perceber a existência (não só no que trata a sobrevivência), mais o cotidiano e parecer sob a ótica de cada uma delas. Sem dúvida alguma, posso afirmar que a "sobrevivência" e a posição destas, se divergem. Assim sendo, a Vida das Mulheres na condição de pessoa presa, não é vista, vivida, nem sentida de forma similar. Diante de um sistema prisional **construído por homens e para homens**, as mulheres enfrentam situações específicas e graves. Neste quadro onde as condições ainda são pouco discutidas pelo poder público e praticamente desconhecidas pela sociedade em geral, uma imensa "fatia" tenta sobreviver.

Em tese as mulheres que estão aguardando julgamento, são as que enfrentam as piores condições. A superlotação e os relatos de maus-tratos são mais frequentes. A assistência médica e jurídica é precária e quase não há trabalho remunerado que lhes permita obter a remissão de pena (onde três dias trabalhados dão remissão a um dia de cumprimento na pena). Sem nenhuma pretensão nem regionalismo, posso contar, recontar os milhares de fatos, relatos, desabafos e confidências que testemunhei. Talvez, pelo próprio vínculo de amizade que inevitavelmente criei e crio com muitas (a maioria) delas, sempre tive e tenho maior acessibilidade aos acontecimentos cotidianos. Assim também se dá, nas variadas formas que estas mulheres encontram para demonstração (ou ocultação) de sentimentos e a maneira como algumas driblam e sobrevivem dia a dia encarceradas. Pelo fato de termos muitas mulheres detidas em regiões diferentes, onde a cultura, a formação familiar, a formação educacional, a religião, a condição de maternidade ou não, as muitas estrangeiras, as que possuem relações afetivas fora dos cárceres, as casadas, as que são "laranja" as que são da "turma do vai pra onde o vento sopra" as do crime, e as do crime mais integrantes de algum partido "comandos" fazem com que cada qual passe suas experiências, de forma exclusiva, sendo totalmente pareceres pessoais.

De qualquer forma, e sem rótulos, quase sempre é assim...

Há as que preferem o cárcere, e se apegam a este, como de fato sua casa. Estas não demonstram desconfortos e quando podem relatam - "não quero sair daqui".

Há, as que morrem a cada dia. Não conseguem conviver com o

cotidiano, apenas suportam em silêncio as medidas disciplinares "pesadas", as violências praticadas entre parceiras, as violências sofridas e praticadas por agentes, a falta de emprego, ou a exploração, a alimentação precária e o difícil período menstrual.

Há as que "fingem" que há uma multidão do lado de fora das muralhas esperando que saiam. Mais, na verdade, estas há muito foram literalmente abandonadas.

Há as que dizem: "-estou bem, melhor do que na rua"... Se comparada a vida que levavam. Estas, agradecem as amigas, a cama, a parceria, a comida e a "pousada".

Há as meticulosas, que passam o tempo arquitetando e colocando em prática seus bárbaros projetos. Sejam estes para vingança pessoal ou de "parceiras".

Há as que encontram na cadeia seu par. E vivem o tempo no cárcere, alimentadas de Amor (ou de muita briga) que chegam as vezes aos "extremos" e até fatais...

Há as que trabalham tanto, que só querem chegar em suas celas no final da tarde, para dormir. Pois assim o tempo passa mais rápido.

Há, as que mães, tiveram nos cárceres seus filhos e por estes sofrem do início ao fim.

Há as que gostam da denominação "ela é bandida" e há as que se envergonham de estar ou terem estado nos cárceres.

Sendo o inferno ou o conformismo diante de uma única opção, o fato é que as condições quase sempre, são desumanas e cruéis. Seja a visão de cada uma, reflexo de experiências boas ou ruins vividas nas ruas é certo que não são tratadas como Mulheres. Por mais que se esforcem os gestores de cada prisão, para amenizar problemas e proporcionar boa permanência carcerária, não existem unidades criadas para aprisionar o feminino nem tão pouco manter de forma que atenda as necessidades que o sexo feminino exige. Assim, desconhecedoras dos direitos onde uma parcela razoável, adentrou muralhas vindas de um submundo, o pouco, muito vezes degradante é o tudo que ainda resta.

Contudo, um fator é comum: 99%, **sofrem literalmente a Nível Nacional o latente abandono!**

(Prisão Feminina e Sociedade by Elizabeth Misciasci zaP! is licensed under a

Creative Commons Atribuição-Uso Não-Comercial-Vedada 2.5 Brasil License)



Elizabeth Misciasci - *Jornalista, Humanista, Escritora, Pesquisadora. Presidente do Projeto zaP!*

**Embaixadora Universal da Paz no âmbito do Circulo Universal dos Embaixadores da Paz.*

Cercle Universel Des Ambassadeurs De La Paix - Suisse/France

**Membro Correspondente da Governadoria da InBrasci no Estado de São Paulo- Insti Bras Culturas Internacionais -*

**Membro Efetivo AVSPE *Prêmio Frente Nacional dos Direitos da Criança*

**Honra ao mérito - Clube Brasileiro da Língua Portuguesa - título Humanista Honoris Causa, em Língua Portuguesa, em razão da excelência de sua obra a favôr dos Direitos Humanos.*

**Delegada para e Estado de São Paulo (Brasil) do CEN- Intercâmbio Brasil Portugal.*

**Coordenadora de imprensa do Projecto Cultural Sur Paulista*

55 (XX) 11 9677.9428 e 55 (XX) 11 6461 1907

<http://www.eunanet.net/beth/index.php>

<http://reticencias.blog-se.com.br/blog>

<http://www.revistazap.org>

Correspondente pelo Brasil da revista eisFluências

**A mente que se abre ao conhecimento,
jamais retorna ao tamanho original**

(Einstein)

A BUSCA (1)

VITOR FIGUEIREDO FRC

"Qualquer caminho é, apenas, um caminho, e não constitui insulto algum, para si mesmo ou para os outros, abandoná-lo quando assim ordena o seu coração. Olhe cada caminho com cuidado e atenção. Tente-o tantas vezes quantas julgar necessárias; então, faça a si mesmo, e apenas a si mesmo, uma pergunta: possui esse caminho um coração? Em caso afirmativo, o caminho é bom. Em caso contrário, esse caminho não possui importância alguma". (Carlos Castañeda)

Ao longo do nosso percurso e busca pessoais, conhecemos várias pessoas que buscam a espiritualidade, com posições muito diferenciadas.

Sem qualquer intenção de as rotular ou criticar, podemos arbitrariamente agrupá-las em quatro grandes estágios, diferentes, por onde percorrem (e nós o fizemos também), mais ou menos transitivamente, o indefinido e tortuoso caminho da Luz, da "Verdade" e de Deus. Talvez a definição destas situações sirvam para alguma reflexão do leitor e de outros interessados neste assunto.

1 – "O INTELLECTUAL – CULTURAL – RACIONAL"

É o grupo de pessoas que, isoladas, independentes e bastante dialécticas (parecendo até diletantes do Conhecimento), não aderem a qualquer Instituição, Filosofia ou Religião. Procuram descobrir a coerência da vida, o sentido da existência e o mistério do Universo e da Criação, através da sua auto-suficiência intelectual e racional, sem qualquer compromisso com dogmas ou "verdades" estabelecidas, relativas como sempre elas são, e não acreditando em Deus. São os livres-pensadores da Espiritualidade, honesta e esforçadamente convencidos de que, esgotando a pirâmide do conhecimento daqueles que singraram a "Via Dolorosa" (na Arte, na Filosofia, na Ciência, na Sociologia, no Humanismo, etc.), conseguirão através dos livros, dos conceitos e das ideias, pela análise e reflexão, chegar à "Verdade" e a uma concepção de Deus. Este grupo chega normalmente, quase no final desta "Via Sacra", já desiludido e gasto, à literatura do "insólito", do paranormal, do Mentalismo Positivo, panaceia exotérica (não esotérica) que geralmente estimula para uma aventura cultural mais séria e aprofundada e, mais tarde, para portais ocultos mais profundos.

É a fase Napoleon Hill, Rhine, Dale Carnegie, Harold Sherman, Joseph Murphy, Vernon Howard, Lobsang Rampa, Jacques Bergier, Richard Bach, Og Mandino, U. S. Andersen, Saint-Exupery, depois Paul Brunton, Castañeda, etc.

2. – "O RELIGIOSO TRADICIONAL"

É o grupo de indivíduos que, simplesmente, pertence e mais ou menos pratica (consoante o seu grau de convicção, satisfação ou necessidade) uma Religião antiga, consagrada e tradicional, bastando-lhe a sua Fé simples em Deus, a autoridade dos instrutores e a doutrina, rigidamente dogmática ou não, porém indiscutível e isenta de qualquer dialéctica; geralmente consideram-na verdadeira e superior a qualquer outra opção ou via espiritual. Como exemplo, as Igrejas Cristãs, o Judaísmo, o Budismo, o Catolicismo, as Igrejas Ortodoxas, etc.

3 – "O ESPIRITUALISTA"(OU RELIGIOSO NÃO TRADICIONAL)

É aquele grupo de pessoas que não se identifica com as vias "Intelectual-Racional", "Religiosa Tradicional" ou qualquer outra, e segue uma das numerosas sendas do conhecimento e aprendizado, mais ou menos religioso, espiritualista e/ou filosófico, opcionais, em Fundações, Associações, Fraternidades, Igrejas e Religiões não Tradicionais, que se caracterizam principalmente por sua fundação relativamente recente, sem alicerces num Grande Mestre ou Avatar da Humanidade reconhecido, sem "Egrégora" (termo profundo, difícil de definir aqui), e que foram criadas por um ou mais indivíduos e por sua inspiração, filosofia ou crenças pessoais.

É o caso das "Testemunhas de Jeová", "Igreja Mórmon", "Racionalismo Cristão", "Meditação Transcendental", "Ordem do Graal", "Análise Transaccional", "Igreja da Unificação" (Rev.º Moon), "Fé Bahai", "Igreja Messiânica", "Logosofia", "Neo-Sannyas", de Rajneesh (Osho), "Igreja Japonesa Seicho-No-Ié", "Espiritismo Kardecista", "Círculo Esotérico da Comunhão do Pensamento", Eubiose, "Umbanda", "Candomblé", "Escola de Khrisnamurti", de "Gurdjieff", a "Fraternidade Rosacruz" de Max Heindel, "Antroposofia", "Teosofia", etc.

Todas variam nos métodos e ensinamentos e perseguem o mesmo objectivo básico do encontro com Deus e do aperfeiçoamento dos filiados, através de estudos e práticas intrínsecas.

3 – "O MÍSTICO" – "ESOTÉRICO"

É aquele grupo que não se identifica com nenhum dos outros caminhos, não aceita a Fé pura e simples, nem somente a busca intelectual-racional (por onde provavelmente transitou), nem mesmo a aceitação de métodos espiritualistas não fundamentados na experiência e comprovação pessoal; deseja e pratica o seu encontro individual com Deus, o conhecimento de si mesmo e a união pessoal com a Mente Divina, pela harmonização e meditação e, ainda deseja alcançar algum dia um estado superior de consciência – a Consciência Cósmica.

Congregam-se em Organizações ou Ordens antigas, Ritualísticas, Esotéricas, Inicáticas e Tradicionais. São as pessoas que buscam Deus directamente, sentindo-O imanente e panteisticamente dentro de si e em todas as coisas, e que procuram o aperfeiçoamento da personalidade, do Ser Interior, e a evolução da sua consciência pessoal, percebendo-a ligada tanto a Deus quanto aos semelhantes. Embora com métodos e práticas diferentes, exemplificamos os adeptos da "Maçonaria", da "Ordem Rosacruz – AMORC", do "Movimento Sufi Internacional", etc.

Cabe dizer aqui, no entanto, que certas Religiões, Movimentos ou Instituições, são profundamente Místicas, como o Budismo (que não é uma Religião), o Zen, o Yoga, o Hinduísmo, etc.

Estas classificações e generalizações são arbitrárias; também ocorre que as pessoas transitem de um grupo para outro, de uma para outra instituição, situando-se em mais de um grupo ou organização ao mesmo tempo, ou até mesmo se desiludam de determinada senda, que abandonam, temporária ou definitivamente, às vezes nem tentando qualquer outra senda alternativa.

É oportuno referir também que o facto de uma pessoa se situar dentro de qualquer dos grupos ou instituições, não faz dela um autêntico espiritualista, religioso ou místico. Em nosso percurso pessoal pelas vias citadas, na busca da "Verdade" e de Deus, encontramos casos particulares de pessoas que (sem as julgarmos), poderíamos definir, se necessário, na nossa óptica particular, como:

– Os **DILETANTES**, que apenas superficialmente circulam pelos corredores externos, sociais, das organizações, não comprometidos com qualquer desejo de transformação interior e de aperfeiçoamento.

- **Os ESCAPANTES**, que apenas pretendem fugir temporariamente aos seus problemas psicológicos e existenciais, não buscando qualquer conhecimento profundo, mas somente coragem para resolvê-los junto dos mais preparados.
- **Os FANÁTICOS**, senhores soberanos, ortodoxos e "donos da "Verdade", com quem o diálogo é inútil, os quais policiam por sua conta e iniciativa aqueles que consideram menos sinceros e dedicados, julgando e discriminando severamente os companheiros de trilha.
- **Os SALTIMBANCOS**, que pulam de instituição em instituição, continuamente, já que nenhuma lhes serve; procuram o êxito fácil, resultados imediatos, evolução acelerada e compensações a breve prazo que, na realidade, não existem.
- **Os OPORTUNISTAS**, que buscam situações de privilégio, liderança, distinção ou vantagens materiais, a troco de um apostolado e aprendizado fictícios e breves.
- **Os INOCENTES**, aqueles que buscam idealmente encontrar nos portais das organizações, ao entrar, companheiros sábios, já iluminados e de grande desenvolvimento moral, com conhecimento e sabedoria adiantados, quase divinos, e que, em breve tempo se chocam e desiludem ao reconhecê-los quase ou iguais a eles em seu aprendizado e limitações humanas.
- **Os QUE BUSCAM PODER**, aqueles que se filiam às Organizações para receber, a breve prazo, "forças", segredos, técnicas e poderes metafísicos especiais, para dominarem o semelhante e obterem êxitos rápidos, como o prêmio maior da Lotaria, a promoção rápida no emprego ou o amor da vizinha.

Com exceção dos INOCENTES que, às vezes, persistem, todos estes indivíduos se auto-eliminam cedo, pois facilmente compreendem que nenhuma das vias espiritualistas, por mais simples que seja, serve seus propósitos de apego, de hedonismo, de egocentrismo ou materialismo, e só muito mais tarde (ou nunca) entenderão que o importante é *o conhecimento de si mesmo, a descoberta e encontro com Deus em seu interior, a consciência de que a única chave do segredo da transformação é o AMOR, e que o EGO é a causa de todas as misérias, dores e fracassos, e dos ódios e conflitos humanos neste Mundo.*
(continua na próxima revista)

Do E-Book do autor "A Vista da Pirâmide", 2006
e publicado no "Jornal do Incrível" nº 391, de 12/5/87
VÍTOR FIGUEIREDO, FRC



Concurso de Poesia



inscrições até
10 de março de 2010

PREMIAÇÃO:
- Publicação de Antologia
- R\$ 1.000,00 - 1º lugar
- R\$ 800,00 - 2º lugar
- R\$ 500,00 - 3º lugar
- R\$ 1.000,00 - melhor mogiano

INSCRIÇÕES: www.cultura.pmmc.com.br



INTERNET: O REDUTO DOS MESTRES !

- Tere Penhabe -

Todo internauta é um mestre em potencial !

Claro que para todas as afirmações que fazemos, deve ser reservado o benefício da tolerância para as exceções à regra.

Mas nesse particular, há cada vez menos exceções. Muitos são os que gostam de pregar a suposta verdade acima de qualquer suspeita!

Desses muitos, todos conhecem o caminho... sabem a direção que seus companheiros de caminhada devem tomar, dentro e fora da internet. Há uma disseminação acentuada das mensagens de auto-ajuda por esses labirintos virtuais... sobejam sabedoria e bom senso! Ou, numa expressão mais explícita: superabundam, transbordam aos borbotões, escapam pelo ladrão... é o excesso.

Porém, o ideal é ler essas mensagens de autores que não conhecemos, que nunca vimos ou então dos que já se foram para outro plano, mas sabemos que deixaram um currículo apreciável.

Porque é triste ver os contemporâneos falando em sinceridade, em segredos da vida, em regras comportamentais etc etc e no entanto, eles próprios seguirem esmurçando ponta de faca... querendo fazer valer a própria vontade, como se ela fosse... a lei.

E isso não é recente, como nada no mundo é recente, obviamente.

Minha avó já usava muito esse dito popular: "ele enrola o rabo, senta em cima e fica a falar dos rabos alheios."

O que mais preenche essa pauta de pregação é a mentira, a falsidade, a carência do ser humano de ser verdadeiro, de estar aberto ao amor...

Mas todo pregador deveria acrescentar no final da sua explanação, outro dito popular atribuído supostamente ao clero: "façam o que eu digo, mas não façam o que eu faço." Ou trocando em miúdos e atualizando o dito: eu posso passar por cima de todo mundo como um rolo compressor para conseguir o que eu quero... você não.

Tenho um fascínio especial pelo ser humano. Por isso, gosto de ler tudo que me chega às mãos, nem sempre vou até o final, claro. Mas às vezes isso se torna inviável porque chega a dar mal estar ver tanta prosopopéia, de quem realmente a gente sabe que faz tudo aquilo que está aconselhando a que não façam... Utilizando-me do vernáculo do meu rincão: "é jogo duro!"

Analisando com cautela, concluo muitas vezes que a inspiração dos pregadores vem da dificuldade de aceitarem um "não" como resposta, pura e simplesmente. Se investigarmos, todos eles tem algum "não" no currículo, ou embaixo do tapete se preferirem.

Como alguém OUSOU contrariá-lo? Então ele senta-se à frente do computador e martela as regras, visando, é claro, o seu próprio benefício, e não um conceito realmente imparcial, adquirido com experiências e observações da vida.

Eu, que durante muito tempo e ainda hoje às vezes sou um muro de lamentações poético, no que concerne a "não ser amada", também disse muitas vezes e reafirmo: não é porque eu não fui amada que o amor não existe... e todo mundo foi amado, é claro! Quando se lê "não fui amada", leia-se: "não fui amada como eu queria ser".

Se não ouço eco para os desejos do meu coração, isso não equivale a afirmar que meu coração está certo e é digno de piedade... ele pode apenas estar batendo no peito de uma doidivana que não tem noção nenhuma da vida, apesar dos cinquenta e tantos no lombo.

Idade não tem nada a ver com maturidade... tem gente que morre com mais de oitenta, tão infantil e ridículo (para a idade) como quando tinha oito... Sim, porque querer as coisas na marra, aos oito anos, é compreensível, mas perto dos oitenta... dá o que pensar.

Não quero me tornar mais uma na rede, mas tenho visto se falar insistentemente em "abrir o coração para o amor".

Mas pelo que se passa à minha volta, eu acho que o que se quer dizer na verdade é abrir o peito mesmo, a talho de navalha com ajuda de martelo por conta da caixa torácica, pra enfiar lá dentro do peito amado, a sirigaita que não está sendo correspondida?

Valha-me Deus!

Outro dia li uma entrevista onde a moça disse que tinha muita merda circulando na internet... Fiquei chocada com o que li e achei falta de respeito aquela afirmação. Porém, mal comecei a abrir as mensagens, mentalmente pedi desculpas à moça da entrevista... ela estava certa, tem muita merda circulando aqui sim. E o que é pior: às vezes, é na cara da gente que jogam...

Santos, 02/10/2009

www.amoremversoeprosa.com



Tere Penhabe (Santos – SP), licenciada em Letras (1986), várias participações e premiações em concursos literários, referente à poesias e crônicas, diversas publicações em Antologias Poéticas e Revistas Literárias impressas. Primeiro livro publicado: "Amor em verso e prosa vol I, em agosto 2009. Página pessoal: www.amoremversoeprosa.com

OS FARSANTES

Desconfia da tristeza de certos poetas.
É uma tristeza profissional e tão suspeita como a exuberante alegria das coristas.

Mário Quintana

Onde anda o meu sorriso?

Rosa Pena

Não sei precisar o dia em que tudo começou a parecer déjà vu, mas sem as cores vivas da aquarela de Mirò. Passei a ver meio desbotado. Maria Rita eu já vi, é quase a Elis, mas sem o vermelho da paixão. Não é pimenta original, apenas genérica.

A estrela Dalva não mais brilhou no céu, nem a pioneira, nem a Oliveira. O Golden Room do Copacabana Palace ficou chapeado e quebra os critérios com alguma Tati ou quem estiver no hit-parade, um alguém tão parecido com outro, que eu juro que já vi.

A Plataforma apresenta as brancas de algum Sargentelli não aprovado pelo Inmetro e tenho certeza que o Di Cavalcanti ficaria possesso. Algumas gostosas pretendentes ao BBB, que eu juro que já vi dentro e fora da TV.

Onde será que a morena d' angola e a Severina chique-chique de agora fazem escovas progressivas?

Saudades da nega do cabelo duro, essa eu nunca mais vi.

A feira de São Cristóvão passou a tocar funk feito por um alemão que não ganhava um puto de um euro, agora ganha espaço até no Jô Soares e os pagodeiros, cujos pagodes inéditos eu já ouvi em algum lugar no passado e ouvirei muitas vezes no futuro, que usam e abusam da água oxigenada, feita pro leite, nos cabelos. Qualquer hora a Loreal vai comprar a Parmalat. Nata com blondor eu nunca vi, mas a punição em formato redondo e em forno a lenha, eu já vi sim e muitas vezes.

Não sei precisar a hora em que meu sofá tão bonito ficou com o jeito de vencido, tanto quanto eu, que a cortina do meu quarto assumiu o perfil da velha casa de meus pais na data em que foi vendida, cheirando a mofo e carcomida. Também quem me mandou não comprar as persianas luxaflex aquela que impede ácaros, meus pais dormiram com aracnídeos, mas sem dalmadorm; que os sapatos do Mr Cat ficaram com a cara de Di Santinni que tem a cara de qualquer pisante que já vi, eu adoro sapatos masculinos -Que pena!- que o coco não se abre mais com facão- quanta carrocinha de Fast coco- bem higiênicas e a água com gosto de soro; que o ponto de táxi não é mais parágrafo, pois o espaço é da Van: dois pontos a cada cem metros; que a nossa fome passou a ser medida a quilo. Estou com uma fome de 400 gramas! Mas pão a metro eu já vi e vejo há um tempão. É moda. Por que não criam bom senso em litro?

Não sei precisar o minuto em que meu grito de paz foi substituído pela vontade que o filme Tropa de Elite ganhasse o Oscar e que não mais chorei por passarinhos presos em gaiolas. Será que agora cavalo-marinho já nasce no Jockey Club?

Mas eu queria realmente descobrir o exato segundo em que perdi o encantamento do meu olhar.

Acho que foi no dia em que não votei pro Cristo Redentor ser uma das sete novas maravilhas do mundo. Nunca consegui achar ele lindo e não gosto de concurso ou eleição. Tem jeito de roubalheira. Quantas eu já não vi!? E afinal, a verdadeira maravilha do mundo não deveria ser o sol nosso de cada dia sem envelhecer? Danado esse meu calcanhar que teima em girar pro passado para que eu reveja em technicolor minha esperança verde rugido.

Onde anda o meu sorriso? Juro que déjà vu.

Palanque Haiti

Muller Barone

Fiquei em dúvida se escrevia ou não sobre o terremoto, Zilda Arns, brasileiros anônimos, civis e militares, gente da ONU, das ONGs. Com todo o respeito, todos os dias morrem Zildas pelo mundo, todos os dias terremotos matam pelo mundo. Se eu não fosse naturalmente cabreiro, quase paranoico, começaria a crer que o mundo está mudando, está ficando bom, ou menos mau, porque não captei nada de interesses escusos por trás de tanta comoção e solidariedade. Alguém mais canalha do que eu – ou um crédulo de incomensurável proporção - pode dizer que é simples ajuda humanitária. Mas, então, chegou muito tarde. A mim parece mais extrema-unção. Precisou um terremoto para o mundo saber que o Haiti precisa de ajuda? Ajuda, não tropas. A turma lá se mata desde a primeira rebelião de escravos e sua história sempre foi repleta de golpes, ditadores e golpistas autoproclamados imperadores, mais ou menos como fez Salah Eddine Ahmed Bokassa ou Imperador Bokassa I, na República Centro Africana. Bokassa comia gente e Papa Doc lutou contra a malária e contra o povo com seus Tonton Macoutes, a polícia especial mais assassina do mundo. Depois veio o Baby Doc, tão tirano e ladrão quanto o pai. Foi deposto e vive bem, obrigado, em território francês e os ex-colonizadores se recusam a extraditá-lo e a devolver seus milhões de dólares roubados do povo haitiano. Viram só? Falei deles. Falei tanto que quase esqueço de algumas coisas que tinha separado para comentar:

- “Os Guarani Kaiowá são os índios brasileiros que mais sofrem com mortes violentas. No ano passado, ocorreram 42 assassinatos e 34 casos de suicídio entre os indígenas.” Claro que é totalmente desnecessário relatar os motivos.

- Segundo o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), ainda existem 43 milhões de brasileiros abaixo da linha da pobreza.

- O déficit habitacional no país é de quase 8 milhões de moradias, e os dados são de 2006, ou seja, estão desatualizados em quatro anos.

- Mesmo diminuindo sensivelmente, a mortalidade infantil, de crianças entre 0 e 1 ano de idade, no Brasil, é de 20 crianças em cada mil nascidas.

- Em abril de 2009, enchentes nas Regiões Norte e Nordeste do Brasil deixaram, em menos de um mês, 19 mortos e 186 mil desabrigados.

- Vendavais fizeram estragos em Santa Catarina, em setembro de 2009.

E por aí vamos. “Pense no Haiti, reze pelo Haiti. O Haiti é aqui. O Haiti não é aqui.” “Seja Herói, Seja Marginal.”

Muller Barone*

* Barone é escritor e editor da revista Palanque Marginal.

(Divulgação de Rosa Pena)

Quer ajudar o Haiti ?

Faça sua doação nessas instituições bancárias:

Embaixada do Haiti no Brasil
Banco do Brasil
Agência 1606-3
Conta corrente 91.000-7
CNPJ 04170237/0001-71

Cruz Vermelha
HSBC
Agência 1276
Conta corrente
14526-84

**MOMENTOS DE POESIA
NA ESCOLA SECUNDÁRIA SEBASTIÃO E SILVA (OEIRAS/PORTUGAL)**

Por Maria Ivone Vairinho

No dia 22 de Janeiro, pelas 10h30, no auditório da Escola Secundária Sebastião e Silva, de Oeiras, realizou-se mais um evento poético dedicado a José Régio, numa parceria feliz da Escola Secundária Sebastião e Silva (antigo Liceu de Oeiras), CASO (Centro de Acção Social das Forças Armadas em Oeiras) e APP (Associação Portuguesa de Poetas).

Estiveram presentes 48 alunos de 10º Ano de escolaridade (14, 15 anos) acompanhados por duas professoras e Coordenadora Dra. Teresa Carvalho.

Do CASO estiveram presentes a responsável pela Acção Social Dra. Dulce Mendes e utentes. Da APP, estiveram Aurélio Tavares, Gabriel Gonçalves e Magnólia Filipe. Da USO, convidada Felismina Medeiros de Lemos.

Maria Ivone Vairinho, Presidente da Direcção da APP e Professora da USO, falou sobre José Régio – "O Poeta e o Homem".

Disseram poemas de José Régio:

ESSS: Sara Costa, Vítor Marques, Guilherme Sousa, Carolina Henrique, Ana Matos, Sara Becken e Tais.

CASO: Armando Santos

APP: Aurélio Tavares, Gabriel Gonçalves, Magnólia Filipe e Maria Ivone Vairinho.

O actor Jorge Sequerra, intérprete de "O Umbigo de Régio", monólogo de Filomena Oliveira e Miguel Real, representado no Teatro da Trindade e no Cinearte – A Barraca, deu-nos a honra e prazer da sua presença dizendo dois poemas de José Régio: "As Minhas Asas - Deus" e "Ámen"

Dois Sonetos de José Régio:

LIBERTAÇÃO

José Régio

Menino doido, olhei em roda, e vi-me
Fechado e só na grande sala escura.
(Abrir a porta, além de ser um crime,
Era impossível para a minha altura...)

Como passar o tempo?... E diverti-me
Desta maneira trágica e segura:
Pegando em mim, rasguei-me, abri, parti-me,
Desfiz trapos, arames, serradura...

Ah, meu menino histérico e precoce!
Tu sim! que tens mãos trágicas de posse.
E tens a inquietação da Descoberta!

O menino, por fim, tombou cansado;
O seu boneco aí jaz esfarelado...
E eu acho, nem sei como, a porta aberta!

José Régio, in 'Poemas de Deus e do Diabo'

ÍCARO

José Régio

A minha Dor, vesti-a de brocado,
Fi-la cantar um choro em melopeia,
Ergui-lhe um trono de oiro imaculado,
Ajoelhei de mãos postas e adorei-a.

Por longo tempo, assim fiquei prostrado,
Moendo os joelhos sobre lodo e areia.
E as multidões desceram do povoado,
Que a minha dor cantava de sereia...

Depois, ruflaram alto asas de agoiro!
Um silêncio gelou em derredor...
E eu levantei a face, a tremer todo:

Jesus! ruíra em cinza o trono de oiro!
E, misérrima e nua, a minha Dor
Ajoelhara a meu lado sobre o lodo.

José Régio, in 'Poemas de Deus e do Diabo'

Divulgação de Maria Ivone Vairinho
Lisboa/Portugal



**SEIS TROVAS DE MARCO BASTOS
(BAHIA/BRASIL)**

no xadrez grande da vida
não ser rei nem ser peão.
sendo torre resolvida
- grão-vizir nem grão nem grão.

* * *

coração é mar bravio
qualquer luta, calmaria
iço as velas no vazio
só naufrago na poesia.

amor é desassossego
como sei, ela sabia
ao se ir, aceso apego,
ao chover lá vem Maria.

* * *

beijo na nuca cicio
uni duni duni tê
fogo afago, arrepio
bom saber seu ponto Ge

às vezes contos de reis
outras vezes da rainha
me encanta toda vez
mesmo a mesma ladainha.

* * *

já quis ter um sol a pino
aprendi essa lição
no céu, sonho de menino
na mão, chapa de fogão.

COLABORAR COM A NOSSA REVISTA É CONTRIBUIR PARA A CULTURA

Imprima-a e distribua-a na sua área, especialmente em escolas e instituições de Apoio Social

Esteja em ligação constante com a eisFluências através do nosso blogue e acesse todas as revistas em:

<http://eisfluencias.wordpress.com>

MARCO BASTOS E O TRABALHO POÉTICO DE LÍRIA PORTO

liria porto. nasceu em araguari - triângulo mineiro - mora em belo horizonte/mg. é professora, poeta, autora do livro *borboletas desfolhadas*, editado em português pela Canto Escuro (2009), e de poemas publicados em vários sites e blogs, entre eles o *escritoras suicidas*, a revista *germina literatura*, os sites *cronópios*, *balaio porreta* entre outros. edita o blogue *tanto mar* e escreve no *putas resolutas*. tem poemas na agenda *livro da tribo*. aguarda a publicação do livro *de lua*, também em português. [liriaporto@gmail.com].

TRÊS POEMAS DA POETA LÍRIA PORTO (MINAS GERAIS/BRASIL)

ladainha

faço verso rastejante
igual cobra no papel

faço verso flutuante
passarinho lá no céu

faço verso comprimido
fechado dentro do frasco

faço verso assim ridículo
acostumado ao fiasco

faço verso bem florido
nascido em pleno setembro

faço verso esquecido
o jeito dele nem lembro

faço verso galopante
como visita de amante

faço verso des'tamanho
coração de minha mãe

faço verso
faço verso

faço ver

ninho de guaxe

muita vez eu fico grávida
gravidez imaginária
e gesto versos

as minhas letras meninas
desajeitadas traquinas
são descabelos

se para muito não servem
já por isso me completam
é bonito ser poeta

nas horas de algum juízo
eu juro para mim mesma
agora chega de rimas

escrever no entanto é vício
eu vivo prenhe do ofício

cícios

cinco freirinhas
hábitos brancos
um só marido
rezam u'a prece

jesus querido
a lua cresce
perdão há fogo
dentro das pregas

passa uma nuvem
aguinha fresca
vê-se fumaça
perto das pernas

oh virgem santa
que coisa boa
deus abençoe
chover à toa



NOITE DOS MASCARADOS

Marco Bastos

Ao que mia o gato, cega miopia,
só enxerga arlequina no telhado
se vicia a poção da alquimia
eutímia é o absinto do pecado.

céu sem lua é pura fantasia
na esquina da rua, lado alado
o cheiro da arlequina o extasia
faz o gato miar o seu miado.

ela é bruxa sim, e sem vassoura
pensou, teria sido encantado
a noite era morena, ela loura.

o gato já não vive desolado
lua-cheia prateia, e ela doura
os sonhos que sonhei sem ter sonhado.

Marco Bastos.
(Bahia-Brasil)

poema em out door

marinho gil

já cansei de declarar-te o meu amor
nestes versos que eu já sei até de cor
mas - castigo - cada vez aumenta a dor...
só me resta este poema em out door...

sei que lês e ris dos pobres versos meus
e que gosta deles - isso é que é pior...
mas se não me aceitas nestes sonhos teus,
só me resta este poema em out door...

já nem sei mais o que faço - que loucura!
que este amor será minha eterna clausura
e de todos sofrimentos é o maior...

eu preciso que tu estanques o meu pranto
e para provar que eu te amo tanto
só me resta este poema em out door!

marinhogilson@gmail.com
(divulgação de Mercêdes Pordeus)

PREVISÃO DE ASSALTO

Luiz Poeta
- Luiz Gilberto de Barros -

Todos planejavam o assalto.
Todos estavam disfarçados.

Até o homem do metrô estava camuflado.. aquele chapéu protetor amarelo não lhe tirava o ar de mau-caráter e aquele macacão certamente continha, no meio das chaves de fenda e alicates, a arma russa...

O grito do moleque do jornal explodindo nas ruas também denunciava más intenções, ninguém era inocente.... ele certamente estava ali para avisar sobre as frágeis velhinhas que saíam do banco com seus empréstimos para pagar contas atrasadas ...

Até a babá carregando aquele bebê pálido no carrinho rosa era suspeita; dentro do avental branco haveria fatalmente os explosivos... morreria muita gente: crianças, idosos, jovens, adultos como ele, colecionando sonhos, lutando por uma vida livre e promissora...

E a estudante...livros filosóficos, se tivesse, seriam sobre táticas de guerrilha... assaltos a mão armada...

E os médicos e enfermeiros... ele tinha certeza de que não era um estetoscópio nem um aparelho de pressão na valise que carregavam... eram as lanternas, as chaves de arrombamento, a mini-metralhadora...

E os homens de uniforme branco vieram em sua direção ! Ele ficou apavorado ! Quis correr, gritar, denunciar, dar o alarme geral, mas foi agarrado, jogado no chão, posto numa camisa de força aleatória às suas convicções... ele era o único que sabia !

Na rua, incrédulos e espantados, o homem do metrô, o moleque do jornal, a babá e a estudante olhavam-no com piedade nos rostos, enquanto murmuravam:

-Coitado... é louco.



LUIZ POETA – Luiz Gilberto de Barros é carioca, músico, compositor, escritor, poeta e Acadêmico do InBrasci (Instituto Brasileiro de Culturas Internacionais), 2ºvice-presidente da Academia Pan-Americana de Letras e Artes, membro da União Brasileira de Escritores e da Sociedade Brasileira de Autores, Compositores e Escritores de Música, Diretor Cultural da Associação Cultural Encontros Musicais, Diretor Musical da União Brasileira de Trovadores e membro de diversas academias e grupos virtuais, publicando suas obras lítero musicais no site www.luizpoeta.com e em diversos livros, e-books, antologias e sites de língua neolatina, tendo recebido Moção (voto de louvor e reconhecimento) expedida pela Câmara Municipal do Rio de Janeiro em 2008, o título de “Melhor poeta de 2008 do estado do Rio de Janeiro na modalidade Poesia Clássica – concedido pelo Congresso da Sociedade de Cultura Latina – Seção Brasil, além do Mérito Literário (1º lugar em poesia Livre) pela Prefeitura da Cidade de São Fidélis, Site Alma de Poeta e Igreja Matriz de São Fidélis - RJ.

São Fidélis – RJ – em 2009 (200 anos da Igreja Matriz de São Fidélis).

LUSITÂNIA

Luiz Poeta

Luiz Gilberto de Barros

(às 22 h e 31 min do dia 18 de março de 2009 do Rio de Janeiro, Brasil)

Uma reverência à alma da poesia lusitana.

Vós que copiais Vaz de Camões
Com peculiar indiscrição,
Sede humildemente os seus anões,
Levando um gigante pela mão.

Vós que vos levais, levando o Vaz,
Vós que Pessoaís e que Quentais,
Vós que Espancaís e Regiais,
E que Latinais e Lusitais...

Sede, ao levar-vos, como o mar,
Grandiosos, mas não esqueçais
Que na trama dessa filigrana

Que coube ao talento lapidar,
Repousam as gotas lacrimais
Da emoção da alma... lusitana.

LUSO...BRASIL...ÂNSIAS

Luiz Poeta

Luiz Gilberto de Barros

Tu me navegas, Portugal, se te imagino
Com tuas velas enfunadas, desbravando
O meu silêncio de poeta e de menino
Que rumo às terras do Brasil e te viu chegando.

E nessa lírica e sutil sinestesia
Que se dilui na minha sensibilidade,
Sinto o contato desta mesma espuma fria
Que os teus sentiram ao tocar-nos de verdade...

Cerro meus olhos, tuas naus trazem, primeiro,
Além de cada tripulante aventureiro,
A tua língua emocional... filha do fado...

E o meu canto... português... e brasileiro
Passa a fluir, guiado por um timoneiro:
Nosso idioma altaneiro... e apaixonado.

19/Abril/2009
(Rio de Janeiro-Brasil)

AGRADECIMENTO

A revista **eisFluências** agradece ao escritor português joaquim evónio a divulgação que tem feito da nossa revista, com a publicação no seu site <http://www.joaquimevonio.com/> na aba Eventos/Periódicos.

Victor Jerónimo
Director da **eisFluências**

PAÍS DA JUVENTUDE

Oleg Almeida

Eu nasci muito longe daqui,
lá no norte severo,
na terra beata dos hiperbóreos
além deste mar bravio situada,
inatingível...

Quem leu o meu livro “Memórias dum hiperbóreo” certamente se lembra dessa estrofe. Trata-se nela, não obstante seu rico teor alegórico, da Bielorrússia, um dos países que surgiram, há vinte anos, nas ruínas da União Soviética.

Como é a Bielorrússia, pergunta-me um brasileiro cheio de curiosidade. Não sei o que responder, e nós dois ficamos constrangidos: ele com o meu silêncio, e eu com a decepção dele. Mas como descrever, numa dúzia de palavras, um país em que morei por mais de três décadas e cujos modos de pensar e de viver me marcaram para todo o sempre?.. Tamanho? – Para os padrões europeus, a Bielorrússia é grande: ultrapassa o dobro do território português; para os da imensurável América do Sul, pequena: não chega à metade do estado brasileiro de Minas Gerais. População? – Vivem na Bielorrússia cerca de 10 milhões de pessoas, mais do que na área metropolitana de Lisboa e menos do que na Grande São Paulo. Caráter nacional? – É verdade que o bielorrusso costuma ser sério e equilibrado, mas enquadrar a natureza dele nesses moldes estreitos seria o mesmo que reduzir a mentalidade brasileira às emoções carnavalescas ou a lusitana, à melancolia dos fados. Regime político? – Há quem compare a Bielorrússia a Cuba, chamando-a de “último baluarte comunista” na Europa, mas sua ideologia se revela, hoje em dia, muito mais ampla e versátil que a do comunismo clássico. Detalhes, secos detalhes... E a lista ainda está para começar.

E aqui no Brasil, onde tudo é tão diferente – prossegue o brasileiro, decerto achando que a nostalgia tenha moderado a minha sociabilidade – a terrinha não te faz falta, não quer voltar para lá? O que é que teria a dizer-lhe? Na minha mente transoceânica, a Bielorrússia não é nenhum Paraíso perdido – no fim das contas, as portas dela nunca se fecharam para mim! – mas tão-somente o país onde eu nasci e passei os áureos anos da juventude, o local a que está perpetuamente ligada a minha memória. Será possível, então, deixar de ser adulto, voltar para a juventude e transformar as lembranças numa realidade palpável e aconchegante?

E agora, trocando o passado pela atualidade, eis algumas notícias bielorrussas:

- É possível que, nos próximos 6 a 8 anos, a Bielorrússia construa uma central nuclear que permitirá reduzir o custo médio de energia elétrica em aproximadamente 20%. Para um país que não dispõe de grandes recursos energéticos, é muito importante, embora não se deva esquecer a famigerada catástrofe de Tchernobyl que assolou toda aquela região nos anos 80.

- Uma nova lei bielorrussa, que passa a vigorar a partir de 23 de fevereiro, proíbe de tomar cerveja em lugares públicos, por exemplo, na rua ou num parque: imaginem no Brasil...

- A primeira coleção de arte contemporânea a incluir 70 quadros de alto valor artístico é criada na Biblioteca Nacional da Bielorrússia – excelente iniciativa da Liga Internacional de Pintores!



Oleg Andréev Almeida nasceu e criou-se na Bielorrússia. Atualmente mora no Brasil. Poeta lusófono, tradutor dos vernáculos russo e francês, agente cultural credenciado. Sítio pessoal: www.olegalmeida.com.
Correspondente da Bielorrússia para a revista eisFluências



Como vencer a pobreza e a desigualdade

Valdeck Almeida de Jesus

A pobreza e a desigualdade social são duas grandes pragas da humanidade. Causadores de aflições de toda sorte, de violência e da multiplicação da desigualdade, esses males devem ser combatidos com a mobilização de todos os campos do conhecimento, bem como dos setores governamentais e de toda a sociedade.

Um dos fatores que mais gera violência e estimula disputas, responsável pela morte de milhares de pessoas em todo o mundo, é a fome. O pilar básico da sobrevivência do ser humano, alicerça para toda a sua estrutura física e social, a fome tem causado guerras e ceifado grande parte da mão-de-obra física e intelectual de nosso planeta. Além de ser responsável por um elevado índice de mortalidade, a fome estimula a busca desesperada por comida, numa disputa que atualmente beira as raias da loucura e da inconseqüência. Cenas de pessoas catando restos em lixões, dormindo em calçadas sob o frio e a chuva, de recém-nascidos encontrados no lixo e abandonados à própria sorte, de enchentes levando barracos ribanceira abaixo, de rios de lama e esgoto engolindo corpos humanos, já viraram rotina e não sensibilizam mais nossos corações como antes. A falta de amor, a falta de solidariedade, a disputa ferrenha por status, posição social ou por um espaço na mídia como forma de compensar a falta de valores morais e espirituais, tudo isso é conseqüência natural, direta ou indireta, da fome e da desigualdade social.

Quando se priva o ser humano da comida, ou seja, de sua condição básica de sobrevivência, retira-se dele também toda a dignidade, obrigando-o a lutar feito um animal, que precisa devorar seus pares em nome da autopreservação. Apaga-se de sua memória todos os resquícios de respeito a valores morais e espirituais. A luta pela comida toma todo o tempo do indivíduo, bloqueando em sua vida qualquer espaço para lazer, saúde, educação, espiritualidade, convívio social e familiar.

A globalização tomou de surpresa países que ainda estavam engatinhando em termos de distribuição de renda e de responsabilidade social. É necessário repensar políticas inclusivas e de resgate para populações que se encontram ainda sem acesso à saúde, habitação, educação formal, alimentação básica etc. A cega corrida por lucros, a insanidade do capital estrangeiro e nacional, que não têm compromisso com o social e com a inclusão de milhões de miseráveis no trem da dignidade humana, não só tem gerado cada vez mais pobreza como também maior desigualdade financeira e intelectual.

É urgente repensar as políticas públicas de inclusão social, de resgate da dignidade humana, de responsabilidade para com a formação das gerações futuras, a fim de se evitar o colapso das relações humanas e de se deter esses dois perigosos vilões da sociedade, geradores de tanta violência e morte no mundo: a fome e a má distribuição de renda.



Valdeck Almeida de Jesus é poeta e escritor, com vasta obra publicada e muitos prêmios recebidos. Reside em Salvador-Bahia/Brasil. Saiba tudo sobre este autor em www.galinhapulando.com – contacto: valdeck2007@gmail.com

MARIA CRISTINA GARAY ANDRADE

**CORRESPONSAL DESDE ARGENTINA
INFORME TÉCNICO PARA LA Revista EisFluências DEVASTADOR TERREMOTO EN HAITÍ.**

El terremoto del 12 de Enero en Puerto Príncipe, en Haití, liberó una energía equivalente a la explosión de 200.000 kilos de TNT, según expertos en geología mundial.

"Si se cayó el palacio de gobierno y la catedral, que supuestamente están mejor construidas, es de esperar que miles de viviendas precarias existentes en Haití hayan colapsado o colapsen pronto", aseguró el investigador Mario Araujo, jefe del Departamento de Investigaciones Sismológicas del Instituto Nacional de Prevención Sísmica, con sede en San Juan, que aconseja siempre trabajar en prevención sísmica construyendo de manera segura y evitar desarrollos urbanísticos en zonas riesgosas o con antecedentes de haber sufrido un sismo.

El presidente de Geólogos del Mundo, la ONG del Colegio Oficial de Geólogos de España, Angel Carbayos, explicó a la prensa que la energía que se libera en un sismo de esta magnitud provoca unos efectos devastadores y esos daños sobre las personas, los objetos y las construcciones son los que fijan la intensidad de un terremoto.

"Un sismo de 7 en la escala Richter provoca destrucción masiva, con deslizamiento de terrenos que sepultan cualquier población", agregó.

El Instituto Geológico de Estados Unidos (USGS, por sus siglas en inglés) aseguró que se trata del terremoto más fuerte sufrido en el país caribeño en 240 años. El USGS informó que los terremotos ocurrieron a lo largo de la frontera entre las placas del Caribe y las de América del Norte.

"Las dos placas tectónicas se deslizan en sentido contrapuesto, con la placa del Caribe que se mueve al Oeste, hacia la placa de América del Norte. El terremoto del 12 de enero fue el peor que ha golpeado la región en décadas, y posiblemente en más de un siglo", consideró el informe oficial.

CAUSAS GEOLÓGICAS DE LA TRAGEDIA DE HAITÍ

¿Qué implica un terremoto de 7 grados en la escala de Richter?

La magnitud mide la energía liberada en el epicentro del terremoto. Un sismo de 7 grados es diez veces más poderoso que uno de magnitud 6. Los geólogos también miden la intensidad del temblor, es decir, el tiempo y la fuerza de las sacudidas. El primer gran golpe del terremoto que estremeció anteayer Puerto Príncipe habría durado entre 35 segundos y un minuto, una gran cantidad de tiempo en la que se pueden provocar daños apocalípticos.

¿Cómo se explica la devastación causada?

Fue un terremoto muy superficial, pues se produjo en la corteza terrestre, a unos 10 kilómetros de profundidad. No se trató de un sismo de subducción (deslizamiento del borde de una placa de la corteza terrestre por debajo del borde de otra) como ocurre a menudo en las Antillas. Este fue un terremoto llamado "de desplazamiento", que produce un movimiento horizontal. Se produjo en el límite norte de la placa de las Antillas con la placa norteamericana. El epicentro fue poco profundo y provocó muchos daños. Para un sismo de desplazamiento no es una profundidad anormal.

¿Haití se encuentra en una zona expuesta a los sismos?

El territorio haitiano se encuentra sobre una falla conocida, que está cartografiada y es muy estudiada por los científicos, porque está en el límite de una placa importante. La placa del Caribe limita en el Oeste con las islas Antillas y al Norte con la placa norteamericana. Existe un movimiento horizontal entre esas dos placas.

¿Haití podría ser sacudido por nuevas réplicas?

La amenaza no ha terminado. Los geólogos registraron por lo menos 40 réplicas de magnitudes que oscilaron entre los 4,5 y los 5,9 grados en la escala de Richter. Y advierten que en las próximas semanas nuevas réplicas podrían sacudir la isla.

¿La ciencia está en condiciones de predecir un terremoto?

Por el momento, los expertos son capaces de calcular con bastante precisión dónde se producirán las sacudidas a largo plazo -por ejemplo, se espera un fuerte terremoto en California en los próximos 30 años-, pero no con la antelación necesaria para que la población y los servicios de emergencias se preparen. A pesar de los avances en sismología, los terremotos siguen siendo imprevisibles.

FUENTE: De la Redacción de lanacion.com

MARIA CRISTINA GARAY ANDRADE
MONTE GRANDE - BUENOS AIRES - ARGENTINA
ENERO 14 DE 2010

Proponen a Ernesto Sábato para el Nobel de Literatura



La postulación del escritor argentino llegó de manos de la Sociedad General de Autores y Editores de España.

El reconocido escritor Ernesto Sábato fue propuesto, una vez más, como candidato para el Nobel de Literatura que entrega la Academia en Estocolmo, Suecia. La postulación corrió por parte de la Sociedad General de Autores y Editores de España (SGAE) que incluyó al argentino junto a Miguel Delibes y el nicaragüense Ernesto Cardenal.

El diario español El País, publicó hoy la decisión de fue "unánime" y se sustenta en "los acreditados méritos literarios de cada uno de estos tres autores universales, que los hacen acreedores al galardón más prestigioso de las letras", justificó la SGAE, que elige - a pedido de los suecos - los escritores más destacados de la lengua española.

El Nobel es un galardón que todos los años reconoce a diferentes estudiosos de las más variadas disciplinas que van desde la Literatura a la Física, pasando por Química, Medicina y Economía, entre otras. Años anteriores, el premio fue para los escritores Octavio Paz (1990), Camilo José Cela (1989), Gabriel García Márquez (1982), Vicente Aleixandre (1977), Pablo Neruda (1971), Miguel Angel Asturias (1967), Juan Ramón Jiménez (1956), Gabriela Mistral (1945), Jacinto Benavente



Poetas de Argentina, Uruguay y Chile participarán de un Festival en Bolivia

Jorge Bocanera, de Argentina, Roberto Echavarren, de Uruguay y Nadia Prado, de Chile confirmaron su presencia como invitados en el Festival de Poesía de Bolivia.

Jorge Bocanera, Roberto Echavarren y Nadia Prado, considerados por la crítica entre los máximos exponentes vivos de la poética de Argentina, Uruguay y Chile, respectivamente, confirmaron su presencia como invitados del primer Festival Internacional de Poesía Bolivia 2010 que, entre el 8 y el 13 de febrero, se efectuará en La Paz y Oruro.

"Además de estos tres grandes vates -comenta Benjamín Chávez, director del festival-, llegará una decena más de literatos de Europa y América Latina, cuyos nombres se anunciarán en los siguientes días, y estarán presentes también varios de los más destacados poetas bolivianos de la actualidad".

En abril de 2008, Chávez -Premio Nacional de Poesía 2006- fue invitado al Festival de Poesía de Medellín, Colombia, una de las citas poéticas más grandes y prestigiosas del mundo, y fue entonces que empezó a madurar la idea de institucionalizar, en el país, un encuentro de similares características, "dada la importancia de la poesía dentro del conjunto de la literatura boliviana, por el escaso conocimiento de ésta por parte de amplios sectores de la sociedad y por la esporádica difusión de la poética nacional más allá de nuestras fronteras".

El patrocinio e impulso del Ministerio de Desarrollo de las Culturas, la Fundación Zofro de Oruro y la Carrera de Literatura de la Universidad Mayor de San Andrés (UMSA), entre otras instituciones, aseguran -según el comité organizador- la continuidad de este

festival de carácter anual y que pretende convertirse en parte del circuito de encuentros internacionales de arte como los ya consolidados Festival Internacional de Teatro (Fitaz), Encuentro Internacional de Historietas, Festijazz y otros.

Invitados

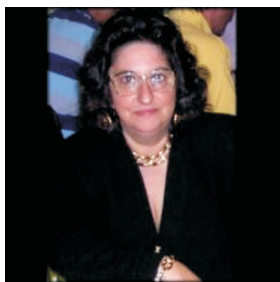
Chávez, quien en la logística del festival trabaja junto con los poetas y literatos Edwin Guzmán, René Antezana y Rubén Vargas, comenta sobre los tres invitados principales.

"Jorge Boccanera es uno de los poetas más importantes no sólo de Argentina, sino de toda América. Del mismo modo, el uruguayo Roberto Echavarren, poeta, traductor y genial ensayista, es reconocido, además de por su producción, por ser autor de importantes antologías de poesía latinoamericana, y la chilena Nadia Prado es -sin duda- una de las poetisas más importantes de su generación".

Los primeros tres días de la fiesta poética (del 8 al 10 de febrero) tendrán como sede auditorios, museos y espacios abiertos de La Paz y luego -del 10 por la noche al 13- los escritores se trasladarán a Oruro, donde se diseñará un cronograma de lecturas poéticas a la par de la Entrada del Carnaval programada para esas fechas.

"La intención principal -apunta el Director- es propiciar un intercambio de experiencias poéticas entre autores nacionales y extranjeros, posibilitando el acercamiento de estudiantes, autores jóvenes y público en general a las propuestas contemporáneas de escritura que se están desarrollando en el mundo y cuyo conocimiento suele estar restringido a un pequeño círculo de especialistas".

La fiesta poética internacional se efectuará en La Paz y Oruro.



María Cristina Garay Andrade é escritora, ensaísta e poetisa. Nasceu na Capital Federal (Argentina) e está radicada actualmente em Buenos Aires. Educada em Colégio Religioso de monjas francesas "Instituto Niño Jesús", hoje, Faculdade de Ciências Sociais de la Universidad "El Salvador".

Entrou na carreira política em 1989 e foi Assessora Parlamentar entre 1989/93, sendo candidata a Deputada Nacional em 1997. Hoje está retirada da política.

Autora do "Diccionario de la Discriminación de la Mujer en el Lenguaje" (Edición 1994), y "Memorias" (2005) biografía de uma octogenária argentina-chilena.

Conferencista sobre o "Diccionario de la Discriminación de la Mujer en el Lenguaje" nas jornadas de ONGS e Grupos Autónomos de Mulheres da América Latina e do Caribe até Beijing (1995) realizados na Cidade de Mar del Plata (Argentina) (1994).

É também desenhadora gráfica. É correspondente da revista **eisFluências** na Argentina.

Saiba mais em:

<http://mariacristinadesdemissilencios.blogspot.com/>

http://www.agregarte.com/salas/maria_cristina_garay_andrade_1.phpsoy

<http://mariacristinadiccionario.blogspot.com/>



PRESEÇA DE DEUS

Humberto Rodrigues Neto

É curioso observar uma flor e examinar detidamente a perfeição que ela exhibe em cada detalhe, seja no seu formato, na harmônica simetria da corola, nas pétalas, no cálice, nos estames, no delicado perfume que exala e no gracioso conjunto de folhas que completa o conjunto que a envolve. Pode, às vezes, não exalar qualquer perfume, mas isso não lhe tira o encanto, conforme podemos sentir diante da beleza quase mística de uma orquídea!

Da mesma forma, ficamos extasiados quando, diante da grandeza do mar, presenciamos a regularidade com que as marés se sucedem umas às outras, crescendo e decrescendo de volume ao sabor de ondas que, calmas ou bravias, derramam-se pelas praias, num sucessivo fluir e refluir de espumas, crespas e brancas, a encher nossos olhos de ternura e encantamento.

A mesma admiração sentimos quando estendemos os olhos para a natureza e pomo-nos a apreciar pássaros das mais diversas espécies e plumagens e nos mais diferentes tamanhos, a brindar os nossos ouvidos, quando canoros, com os harmoniosos gorjeios de suas gargantas privilegiadas, impossíveis de serem reproduzidos por qualquer instrumento musical que o homem possa inventar.

Não menos deslumbrante é estendermos o nosso olhar para o céu de uma clara noite de verão e deliciar-nos com aquele estupendo espetáculo de milhares de estrelas fosforescendo nas alturas, como se fossem alfinetes de prata fincados numa almofada de veludo negro! E como peças perfeitamente ajustadas a essa fantástica máquina celeste, vão girando durante a noite, na cadência de uma marcha perfeita, sem risco de colisão entre um astro e outro.

Depois de analisarmos não só essas, mas todas as perfeições que este mundo maravilhoso nos oferece é que refletimos o quão pequeninos e insignificantes somos diante da majestática beleza do universo, e quão equivocados estão aqueles que, julgando-se donos da ciência e da verdade, ainda têm a sacrílega petulância de afirmar que tudo isso se originou de meras situações de acaso bem sucedidas!

Mas eu lhes digo: Deus existe, sim! Só não podem vê-Lo nem senti-Lo em tudo que nos rodeia aqueles que não O amam!

“As obras aqui presentes são de inteira e exclusiva responsabilidade dos seus autores e dos colaboradores que no-las enviam para publicação, tal como a sua revisão literária.

E não poderão ser reproduzidas, total ou parcialmente, sem a expressa autorização dos mesmos”

Brasil: Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998 (Lei dos Direitos Autorais)

Portugal: Decreto-Lei n.º 63/85, de 14 de Março, com as alterações feitas pela Lei n.º 45/85, de 17 de Setembro, pela Lei n.º 114/91, de 3 de Setembro, pelo Decreto-Lei n.º 332/97, de 27 de Novembro, e pelo Decreto-Lei n.º 334/97, de 27 de Novembro (Código dos Direitos de Autor e dos Direitos Conexos)